

הנחלתה נורא: למטב ישרא משהו לבו לנא  
טעמו ודמם לשטתה. והא פאה דמותה זקוק  
מרת ייטב כח מנחה:  
משלם פרויטרה תורה  
לשעבונורא ויבנה לנא

# PRAÇA VELHA Nº 36

# **PRAÇA VELHA**

**Revista Cultural da Cidade da Guarda**

Nº 36 | 2016



## EDITORIAL

Chegados ao número 36 da publicação da revista Praça Velha, e após 19 anos de trabalho editorial desenvolvido, verificamos que a revista tem cumprido os objetivos para os quais foi criada: divulgação dos trabalhos de investigação sobre a região, nas mais diversas áreas, bem como da criação literária; e também de promoção do nosso património cultural e natural, através dos olhares de fotógrafos convidados.

A revista possui uma estrutura de conteúdos que se tem mantido ao longo dos anos: Bloco Temático; Património e História; Portfólio; Grande Entrevista; Poesia, Contos e Meditações; Recensões e Súmula.

Na presente edição, no bloco temático o leitor encontra as oito comunicações proferidas em 2015, no âmbito das comemorações do 816º Aniversário da Cidade da Guarda, no colóquio Diálogos e Conflitos. Relações entre Cristãos e Judeus na Idade Média. Considerada uma das mais ricas culturalmente, a região entre a Beira Interior e a província de Salamanca detém um património ímpar, em qualquer das vertentes consideradas, desde o natural ao construído, do geográfico ao cultural, proporcionando paisagens plenas de História e Tradições. Desta forma, a revista surge também como um elemento de divulgação e reconhecimento da herança judaica, nos domínios cultural, artístico e social.

Mas este número apresenta também oito artigos de investigação, nas mais diversas áreas, centrando o seu olhar sobre a região da Guarda. A Grande Entrevista foi organizada e conduzida pela Professora Maria Antonieta Garcia que, de forma perspicaz e motivadora, entrevistou o Rabino da comunidade de Belmonte, Elisha Salas. A inclusão deste testemunho constitui um elemento de destaque na história de uma região, na História de um povo.

Não podemos deixar de salientar os Contos e Meditações, bem como o Portfólio, com interessantes imagens do fotógrafo Alexandre Costa.

Felicitemos e agradecemos a todos os que participaram, com empenho e profissionalismo, neste número da Praça Velha, depositando na revista as suas ideias, teorias, trabalhos, e permitindo constituir um documento que a todos dignifica. Um documento memória que se transporta para o futuro. A todos o nosso mais profundo agradecimento, em nome da Guarda.

**Victor Manuel dos Santos Amaral**  
(Vereador da Cultura da Câmara Municipal da Guarda)

## NOTA INTRODUTÓRIA

O colóquio *Diálogos e Conflitos. Relações entre Cristãos e Judeus na Idade Média*, realizado no âmbito das *Conferências da Guarda*, organizadas pelo Município em Novembro de 2015, representou um importante passo no avanço da história da presença judaica na região da Guarda e no país e das interações destas comunidades com a maioria cristã. Abordagens pautadas pelo carácter científico permitiram o conhecimento de novos dados relativos à vivência judaica em Portugal, para além de comprovativos, esclarecimentos e sínteses de grande pertinência e utilidade, não só para os especialistas como para um público mais lato, de interessados nestas matérias.

A publicação, na *Praça Velha*, do conjunto dos estudos apresentados, falará por si e cumprirá as desejáveis consagração escrita e larga difusão dessas interessantes descobertas e interpretações. É de louvar a iniciativa do Município da Guarda, tanto no plano da organização do colóquio como da atempada concretização da edição dos textos, prestando um tributo importante à causa cultural da cidade. A riqueza histórica, arqueológica, artística e arquitectónica da Guarda – da urbe e da vasta região da diocese medieval –, reconhecida pelos investigadores, tem merecido alguma atenção mas está longe do investimento de pesquisa e de valorização que a real dimensão do seu valor justifica. Que ele se veja incrementado nos próximos anos, seja por iniciativa pública ou privada, seja como resultado de uma comunhão de esforços e de vontades, juntando especialistas, autarcas, organismos estatais, mecenas e cidadãos comuns.

Percorramos brevemente os oito estudos aqui publicados, no intuito de estimular o apetite do leitor.

*José Hinojosa Montalvo*, com uma síntese sobre as relações entre judeus e cristãos na Idade Média peninsular, fornece-nos uma perspectiva geral muito completa, colocando a tónica na variedade dessas relações e nos distintos matizes que assumiram ao longo do tempo nos diversos espaços e contextos. Nega que tenha havido lugar a uma verdadeira integração da sociedade hebraica na cristã mas também não reconhece uma oposição estrutural entre elas. No quadro ideológico e religioso, sobretudo desde o Concílio de Latrão, mostra como as recomendações eram para evitar os contactos entre judeus e cristãos, que no entanto, no plano profissional e nalguns círculos da coroa, se verificavam efectivos e profícuos. Segundo o autor, o predomínio judaico nas práticas financeiras,

nomeadamente a usura, contribuiu de sobremaneira para reforçar o antijudaísmo. Por outro lado, apresenta múltiplas situações, nos planos mercantil, artesanal, das práticas médicas, entre outros, em que a aproximação era real. Reconhece Hinojosa Montalvo que entre a normativa legal e a realidade se verificava uma distância e que a segregação nunca foi completa, tendo existido ocasiões de verdadeira partilha. Porém, admitindo as transferências, as influências, a coexistência tantas vezes pacífica, coloca em causa o reconhecimento de efectivas tolerância e convivência entre as duas comunidades.

*Maria Filomena Lopes de Barros*, na sua abordagem aos judeus, cristãos e muçulmanos no Período Medieval, faz o contraponto entre as minorias em época islâmica e em época medieval cristã e assinala a disseminação dos judeus por todo o Portugal, com incremento notório no séc. XV, ao invés da minoria muçulmana, que se cingia essencialmente ao sul do Tejo. Sublinha que a construção da lei canónica e das leis do reino se fez em função de uma identidade cristã que definia barreiras em relação ao “outro”, uma legislação que marcava a superioridade cristã e determinava a separação das minorias. Por outro lado, demonstra como a normativa foi tantas vezes subvertida pela prática quotidiana. Admite que neste processo de construção da *res publica christiana*, sob a égide do papado, participou toda a sociedade, incluindo as próprias minorias.

Da segregação das minorias, que reconhece ser bem visível no espaço público, regulando comportamentos, indumentária e a localização dos bairros, Filomena Barros fornece-nos amplos e elucidativos exemplos recolhidos em fontes dos séculos XIII a XV.

*Manuela Santos Silva* centra-se na análise da relação do rei com os judeus, os *seus* judeus, através de ampla documentação, de que destaca as Chancelarias Régias e a as emanações de D. Afonso IV. Ao falar-nos sobre as comunidades e personalidades judaicas ao serviço e sob protecção da família real, lembra as muitas referências documentais que atestam recompensas régias aos judeus, por serviços como ourives, alfaiates, sapateiros, físicos, astrólogos e trovadores, entre outros. O acolhimento na corte e o acesso à privacidade do monarca, por vezes com valências de assessoria e gestão do tesouro, ter-se-á, segundo a autora, prolongado por todo o século XV.

Sobre o arrabiado, refere-se particularmente aos registos do tempo de D. João I e aos privilégios concedidos, que chegaram a incluir o poder trazer “cadea e sello” e, por vezes, ter séquito, como os cavaleiros cristãos. De novo é sublinhado o constante incumprimento das normas legais, prevalecendo as leis do monarca, que se assumia como o protector dos judeus e deles recebia avultados contributos financeiros.

*Luís Afonso*, para o mundo artístico, não deixa de enfatizar os pontos de contacto entre as duas culturas, sobretudo nos planos científico, intelectual e simbólico, particularmente dentro de um mesmo estatuto social – o da elite da época. Apresenta exemplos de inesperadas interacções entre judeus e cristãos na segunda metade do século XV, na arquitectura e na iluminura. O percurso é feito pela sinagoga ou sala de oração de



Castelo de Vide e e pela sinagoga de Tomar, mostrando, entre outros detalhes artísticos, a linguagem tardo-gótica, de grande sobriedade, do *hekhal* e das janelas da primeira, aspectos também presentes na segunda, onde constata a reintrodução precoce das ordens clássicas. De facto, o autor valoriza a aproximação destes edifícios a modelos e práticas da arquitectura cristã da época e acusa o afastamento da tradicional linha mudéjar. Prossegue com exemplos desta afinidade artística entre as iluminuras produzidas de um e de outro lado, com destaque para as produções sefarditas da chamada “Escola de Lisboa”, em que é evidente a adopção nas cercaduras de modelos decorativos inspirados e adaptados dos cristãos. Sublinha, porém, neste âmbito, grandes diferenças e fundamenta-as. Acrescenta ainda exemplos de outras interacções artísticas nomeadamente em obras executadas por judeus para encomendantes cristãos.

*Tiago Moita* presenteia-nos com o estudo dos mais antigos manuscritos hebraicos medievais portugueses, um de Seia, um da Guarda e um terceiro de Sevilha mas com informação para o território português. É em especial nos cólofones, notas finais desses documentos, que concentra atenções, deles extraíndo informação de relevância histórica e cultural.

O manuscrito de Seia (1284-85), inédito, permite-lhe atestar da antiguidade da presença judaica na vila e nele vê mencionada a fortaleza de Seia. O manuscrito da Guarda, de 1346, um Comentário ao Pentateuco, apresenta um interessante cólofon que permite ilações sobre o copista e as práticas religioso-culturais na comunidade hebraica da cidade. No cólofon da Bíblia Hebraica de Sevilha, de 1356, Tiago Moita encontra alusão ao sismo de Lisboa desse ano.

*Fernando Berrocal* traz-nos uma análise da presença judaica em Cáceres, recorrendo sobretudo ao códice «Foros de Cáceres», de 1267, que inclui o *fuero latino* e o *fuero romanceado*. Nesta documentação evidenciam-se a precoce presença judaica na cidade, as obrigações impostas aos judeus, bem como as liberdades e os privilégios que lhes foram concedidos, incluindo os da dimensão comercial, a protecção especial de que eram objecto, em contraste com a minoria muçulmana da cidade e as orientações no relacionamento com os cristãos. Sublinha a importância desta comunidade judaica para o desenvolvimento económico da Cáceres medieval.

O autor mostra-nos ainda o valor histórico e patrimonial do que resta do bairro judeu de Cáceres e de como esse legado tem sido bem aproveitado em termos turístico-culturais.

*José Alberto Tavim* apresenta-nos o resultado das suas pesquisas de arquivo referentes à Colegiada de Santa Maria da Oliveira, em Guimarães e ao Cabido da Sé de Braga, sobretudo as cartas de emprazamento, produções essencialmente cristãs. Através desta documentação do século XV, transmite-nos indicadores da localização dos bairros judaicos e das casas emprazadas, da proveniência das famílias, dos seus nomes, das suas ocupações, do espaço familiar do judeu e do mundo cristão que envolvia as judiarias,



das boas relações entre os proprietários urbanos cristãos e as comunidades judaicas. Em Guimarães regista alguma permeabilidade entre judeus e cristãos, com casas arrendadas por cristãos na judiaria. Em Braga, percorre, através das fontes, aspectos da judiaria velha e da judiaria nova, distinguindo o edifício da sinagoga desta última, onde persiste uma inscrição do séc. XV. O estudo de Tavim permite também relevar outros aspectos interessantes, como, no caso de Braga, a prerrogativa de assinatura de documentos em hebraico.

O estudo da região da Guarda (excluindo algumas áreas do território vastíssimo da diocese medieval, a sul e oeste) é apresentado por *Maria José Ferro Tavares*. Com base em documentação medieval e em processos da Inquisição, a autora problematiza a localização e a dimensão da presença judaica a partir da onomástica, da toponímia e da topografia, alertando para as dificuldades de interpretação de conjuntos viários e arquitectónicos face às transformações que foram sofrendo ao longo dos tempos.

À comunidade judaica da Guarda, sede do arrabiado das Beiras, entre duzentos e quatrocentos, dedica análise detalhada, com a localização de espaços de habitação, de vida religiosa e económica, descrevendo alguns deles. Aborda também as judiarias da Covilhã e de Castelo Branco e menciona várias outras localidades com comunas ou presença judaica. Com fundamento em abundantes referências recolhidas das fontes, aborda as relações entre judeus e cristãos, as relações de judeus com o rei, as relações entre os próprios judeus, aspectos da evolução demográfica das comunidades judaicas e aspectos das mudanças motivadas pela expulsão. De forma eloquente e crítica, Maria José Ferro Tavares proporciona-nos uma completa panorâmica da presença judaica nas Beiras. Em suma, este conjunto de estudos, que ora se publicam, permitiu várias importantes constatações:

- No plano artístico, foi possível reconhecer uma transferência mútua de tendências e a adopção, por parte de determinados edificadros judaicos em Portugal, de uma linguagem racional, italianizante, evidenciando um proto-despojamento que caracterizará alguma arquitectura cristã de finais de quatrocentos.
- Na dimensão literária, a apresentação de novos manuscritos hebraicos de origem portuguesa, dos séculos XIII e XIV, sendo os mais antigos de Seia e da Guarda, proporcionaram inovadoras releituras da realidade intelectual judaica e da importância dessas comunidades na região da Beira Alta.
- Através de estudos de casos baseados em documentação variada, alguma desconhecida até há pouco, conclui-se estarem a ser possível avanços significativos no entendimento das comunidades judaicas – na forma como se definiam as suas relações com os cristãos, na dimensão espacial, como noutras.
- Os estudos que trataram preferencialmente do relacionamento entre judeus e cristãos foram unânimes em reconhecer a distância entre as disposições legais e a prática

quotidiana, onde a protecção régia, os interesses mercantis e financeiros, ou as simples relações de vizinhança quebraram muitas vezes as normas estabelecidas e a vigilância clerical cristã, conduzindo à permissividade e mesmo à convivência.

– Por fim, particularmente relevante para a Guarda, o estudo e as interpretações de Maria José Ferro Tavares reforçaram a importância da presença judaica na região da Beira Alta, com destaque para a cidade da Guarda. A remanescente judiaria, cuja existência e antiguidade a documentação histórica inequivocamente comprova, plasma-se num notável conjunto patrimonial que, empenhadamente, é preciso preservar.

**Isabel Cristina Ferreira Fernandes**



# SUMÁRIO

## DIÁLOGOS E CONFLITOS.

### RELAÇÕES ENTRE CRISTÃOS E JUDEUS NA IDADE MÉDIA

#### **RELAÇÕES ENTRE CRISTÃOS E JUDEUS NA IDADE MÉDIA**

José Hinojosa Montalvo.....17

#### **JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS NO PORTUGAL MEDIEVAL**

Maria Filomena Lopes de Barros ..... 37

#### **COMUNIDADES E PERSONALIDADES JUDAICAS AO SERVIÇO E SOB PROTEÇÃO DA FAMÍLIA REAL: UMA RELAÇÃO MANTIDA DESDE OS PRIMÓRDIOS DA MONARQUIA PORTUGUESA ATÉ FINAIS DO SÉCULO XV**

Manuela Santos Silva.....55

#### **O POVOAMENTO JUDAICO NO TERRITÓRIO DA DIOCESE DA GUARDA (período medieval e moderno)**

Maria José Ferro Tavares.....65

#### **FALANDO DE SI MESMOS. DUAS COMUNIDADES PRÓXIMAS: OS JUDEUS DE GUIMARÃES E DE BRAGA**

José Alberto Rodrigues da Silva Tavim.....89

#### **A COMUNIDADE JUDIA NOS FOROS MEDIEVAIS DE CÁCERES**

Fernando Jiménez Berrocal ..... 107

#### **INTERAÇÕES ARTÍSTICAS ENTRE JUDEUS E CRISTÃOS EM PORTUGAL NO FINAL DO SÉCULO XV: ARQUITETURA E ILUMINURA**

Luís Urbano Afonso.....119

#### **OS CÓLOFONES DOS MANUSCRITOS HEBRAICOS MEDIEVAIS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO HISTÓRICA RELEVANTE. OS MANUSCRITOS HEBRAICOS DE SEIA, GUARDA E SEVILHA**

Tiago Moita .....147

## PATRIMÓNIO E HISTÓRIA

#### **O CONJUNTO TERMAL DO SÍTIO ROMANO DA PÓVOA DO MILEU (GUARDA)**

Vitor Pereira.....163

#### **CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA JUDIARIA DA GUARDA**

Alcina Cameijo, Maria Leontina Cunha, Telmo Cunha..... 183

#### **JUDIARIA DA GUARDA. ESTUDO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO E IDENTIDADE LOCAL**

Cecília dos Santos Zacarias.....201

#### **O COMBATE E O INTERVENCIONISMO MILITAR REPUBLICANO NA GUARDA**

José Luís Lima Garcia.....213

#### **SAÚDE EM PINHEL NO PRIMEIRO ANO DA REPÚBLICA**

Aires Diniz .....223

<b>D. JOÃO ANTÓNIO DA SILVA SARAIVA (1923-1976) 29.º BISPO DO FUNCHAL (1965-1972)</b>	
J. Pinharanda Gomes.....	241
<b>O CHARRO OU OS FALARES FRONTEIRIÇOS DE ALAMEDILLA E XALMA, OU SEJA DE UMA ZONA QUE, PELO LADO PORTUGUÊS VAI DE BATOCAS, NORDESTE DA RAIA SABUGALENSE A ARANHAS, SUESTE DE PENAMACOR E, PELO ESPANHOL SE ESTENDE DE ALAMEDILLA, NOROESTE DE SALAMANCA A SAN MATIM DE TRAVEJO, SUDOESTE DE CACÉRES</b>	
Manuel Leal Freire.....	257
<b>REZAS A ADONAI, DEUS DE ABRAÃO, ISAAC E JACOB E A DEUS PAI, PRIMEIRA PESSOA DA SANTÍSSIMA TRINDADE SEGUNDO O CRISTIANISMO</b>	
Guilhermina Leal.....	269
<b>PORFÓLIO</b>	
Alexandre Costa.....	279
<b>GRANDE ENTREVISTA</b>	
<b>ENTREVISTA AO RABINO ELISHA SALAS</b>	
Maria Antonieta Garcia.....	291
<b>POESIA, CONTOS E MEDITAÇÕES</b>	
Cristino Cortes.....	307
João Esteves Pinto.....	311
<b>RECENSÕES</b> .....	317
<b>SÚMULA</b> .....	345

# INTERAÇÕES ARTÍSTICAS ENTRE JUDEUS E CRISTÃOS EM PORTUGAL NO FINAL DO SÉCULO XV: ARQUITETURA E ILUMINURA

Luís Urbano Afonso<sup>1</sup>

## Introdução

Este estudo incide sobre as interações artísticas entre judeus e cristãos em Portugal durante a segunda metade do século XV, especificamente no domínio da arquitetura e da iluminura<sup>2</sup>. O assunto em apreço carece, porém, de algumas observações prévias, de modo a evitar alguns erros metodológicos. Desde logo, o título deste texto sugere uma separação total entre os dois grupos confessionais, de modo a justificar, e enfatizar, os pontos onde se verificam as trocas de uns com os outros. Na realidade, tal grau de separação e de exclusão nunca existiu, devendo salientar-se a profunda aculturação e integração das comunidades judaicas na cultura peninsular dominante, tanto em termos individuais como em termos coletivos e institucionais<sup>3</sup>. É certo que a diferença entre judeus e cristãos era bem evidente do ponto de vista confessional, mas mesmo aí esta diferença era atenuada pela partilha de uma base textual sagrada, embora lida e interpretada de modos muito diferentes<sup>4</sup>, e pela existência de diversas afinidades e sobreposições entre a liturgia dos dois credos, tanto nos ritos como no calendário religioso. Em segundo lugar, o título deste texto sugere também um movimento bidirecional e uma reciprocidade de valor equivalente, obliterando

1 Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, ARTIS-Instituto de História da Arte, Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal

2 Este estudo foi realizado no âmbito do projeto de investigação intitulado *A iluminura hebraica em Portugal durante o século XV* (referência PTDC/EAT-HAT/119488/2010), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

3 GLICK, Thomas, “Convivencia: an introductory note”, in MANN, Vivian e GLICK, Thomas e DODDS, Jerrilynn (eds.), *Convivencia. Jews, Muslims, and Christians in medieval Spain*, Nova Iorque, Museum of Biblical Art, 1992, p. 4; GLICK, Thomas, “Jews and Christians in the medieval crown of Aragon”, in MANN, Vivian (ed.), *Uneasy Communion. Jews, Christians, and the altarpieces of medieval Spain*, Nova Iorque, Museum of Biblical Art, 2010, pp. 19-20.

4 EPSTEIN, Marc, “Another Flight into Egypt: confluence, coincidence, the cross-cultural dialectics of Messianism and iconographic appropriation in Medieval Jewish and Christian culture”, in FROJMOVIC, Eva (ed.), *Imagining the Self, Imagining the Other. Visual representations and Jewish-Christian Dynamics in the Middle Ages and Early Modern Period*, Leiden, Brill, 2002, pp. 33-52.

aspectos como a enorme desigualdade existente nas trocas que ocorrem entre uma cultura minoritária e uma cultura majoritária, já para não falar do caráter reativo (e subversivo) que por vezes guiou a assimilação que os judeus fizeram da arte cristã, especialmente em termos de iconografia<sup>5</sup>.

Ao nível da língua do dia a dia, dos costumes, do folclore, dos valores e das representações, judeus e cristãos estavam bastante próximos, especialmente quando a análise incide no interior da mesma classe sócioeconómica ou no mesmo grupo profissional. Um judeu com presença assídua na corte, por exemplo, partilhava múltiplos referentes culturais com um cristão igualmente integrado na corte. As afinidades iam desde o modo de conceber simbolicamente a organização e hierarquização da sociedade, aos interesses literários (poéticos e narrativos), à música secular e ao gosto pelo mesmo tipo de indumentária e joalharia enquanto marcadores de estatuto social. Estas afinidades eram maiores do que as existentes entre um cristão cortesão e um cristão das classes inferiores, aspeto que, posteriormente, facilitou a conversão ao cristianismo das elites económicas e intelectuais judaicas habituadas a conviver com a corte<sup>6</sup>. De igual modo, um médico, cristão ou judeu, partilhava referências científicas, representações simbólicas e seguia práticas profissionais idênticas. Em suma, a dicotomia cultural entre judeus e cristãos que o título deste texto sugere tem de ser mitigada, como espero poder mostrar a partir dos documentos que aqui analiso, referentes a alguns exemplos de arquitetura e iluminura judaica portuguesa.

Ao salientar este elevado grau de integração não pretendo negar a existência de diferenças, por exemplo em aspetos tão simples como a higiene e a dieta alimentar, bem como a existência de sentimentos mútuos de repúdio, incompreensão, suspeição, rivalidade e conflitualidade, sobretudo por parte dos cristãos. Existem inúmeros testemunhos de uma cultura antijudaica em Portugal, mais forte do que geralmente se assume, sendo promovida, sobretudo, por algumas instituições religiosas, como os cistercienses ou os franciscanos<sup>7</sup>. Ainda assim, creio que a tendência prevalecente foi a da partilha de referentes e práticas culturais, excetuando os casos que envolviam setores religiosos mais conservadores e intolerantes (tanto entre cristãos como entre judeus) e excetuando também as situações conjunturais de levantamentos antijudaicos decorrentes de processos violentos de reajustamento entre os diferentes estratos sociais, sobretudo entre as comunidades urbanas. Ao fim e ao cabo, judeus e cristãos eram pessoas com necessidades e aspirações muito semelhantes.

---

5 FROJMOVIC, Eva, “Editor’s foreword”, in FROJMOVIC, Eva (ed.), *Imagining the Self, Imagining the Other. Visual representations and Jewish-Christian Dynamics in the Middle Ages and Early Modern Period*, Leiden, Brill, 2002, pp. XVII-XXII.

6 GLICK, Thomas, “Convivencia: an introductory note”..., p. 5.

7 AFONSO, Luís U., “Iconografia antijudaica em Portugal (séculos XIV-XV)”, *Cadernos de Estudos Sefarditas* 6, 2006, pp. 101-131.



## As problemáticas associadas ao estudo da arquitetura judaica portuguesa

Apesar de subsistirem alguns registos epigráficos referentes às sinagogas de Lisboa, Belmonte, Porto e Gouveia, pouco se sabe a respeito da configuração das sinagogas portuguesas ao nível das suas plantas, volumetria, estrutura e decoração. Os exemplos remanescentes mais explícitos correspondem à Sinagoga de Tomar e à hipotética sinagoga, ou sala de orações, de Castelo de Vide, espaço que possui um armário embutido na parede que poderia ter as funções de um *aron* (designação asquenaze) ou *hekhall heikhal* (designação sefardita), ou seja, o recetáculo onde se guardava a *Torah* e as alfaias litúrgicas. Este hipotético *hekhall* em pedra encontra-se na parede nascente da sala do piso superior, mas existem muitas dúvidas quanto à sua identificação como um equipamento litúrgico<sup>8</sup>. Para diversos investigadores este tipo de armários são meras cantareiras, às quais era destinado um uso meramente utilitário e secular<sup>9</sup>. Estas dúvidas estendem-se à identificação confessional do próprio edifício, apesar da sua presente apresentação e promoção como uma antiga sinagoga (fig. 1)<sup>10</sup>. Integrado num bairro situado na encosta nascente do castelo, num gaveto, o edifício possui dois pisos aos quais se acede por cotas e ruas diferentes. No piso superior existem duas portas em arco quebrado, quase encostadas,



Fig. 1 - Exterior da hipotética sinagoga de Castelo de Vide

- 
- 8 Este estudo beneficiou muito da troca de opiniões com o Prof. Shalom Sabar e com o Dr. Tiago Moita. O ceticismo de ambos em relação à identificação da estrutura de Castelo de Vide como um *hekhall* é inteiramente compreensível, dadas as incertezas que rodeiam este armário. Sobre este assunto veja-se o que escrevemos noutro local (Afonso, Luís U., “As sinagogas portuguesas e o tardo-gótico despojado”, in AFONSO, Luís U. e MELO, Joana R. (eds.), *O Fascínio do Gótico. Um tributo a José Custódio Vieira da Silva*, 2016 (no prelo)).
- 9 TAVARES, Maria José Ferro, “Entre a história e a lenda: a memória judaica em Portugal ou o desconhecido Portugal judaico”, in SILVA, Carlos (ed.), *Judiarías, Judeus e Judaísmo*, Lisboa, Colibri, 2013, pp. 230-231.
- 10 Maria José Ferro Tavares tem sido muito crítica a este respeito, considerando que o edifício em questão é apenas uma habitação tardo-medieval situada numa zona da vila onde judeus e cristãos viviam em conjunto. TAVARES, Maria José Ferro, *As Judiarías de Portugal*, Lisboa, CTT, 2010, pp. 147-149; TAVARES, Maria José Ferro, “Entre a história e a lenda...”, p. 232.

o que levou vários autores a interpretar essa entrada (quase) geminada como prova da divisão por géneros seguida no acesso às sinagogas, existindo uma divisão destinada às mulheres e outra aos homens.

Este suposto *hekhal* de Castelo de Vide possui um emolduramento pétreo marcado por uma série de ressaltos lineares que conferem à peça uma grande sobriedade e dignidade (fig. 2). Os dois espaços horizontais em que o armário se divide apresentam uma fina moldura poligonal em torno da abertura, o que acentua o geometrismo da estrutura como um todo. Do lado esquerdo deste armário encontra-se uma mísula assente num pilarete



Fig. 2 - Hipotético *Hekhal* (Castelo de Vide)

decorado com esferas. No caso de estarmos, de facto, perante um espaço de culto judaico, uma hipótese que será difícil comprovar, este elemento poderia servir de base à *Torah* durante o serviço religioso. Do ponto de vista formal, este armário possui características que o colocam na segunda metade do século XV, devido às afinidades que possui com a arquitetura tardo-gótica despojada promovida em Portugal entre c.1420 e c.1480.

Na sequência dos trabalhos arqueológicos realizados neste edifício, Carmen Balesteros e Jorge Oliveira detetaram uma ocupação que remonta aos finais do século XIV<sup>11</sup>. Estes investigadores destacaram o facto de esta estrutura não apresentar sinais de ter

11 BALESTEROS, Carmen e OLIVEIRA, Jorge, "A judiaria e a sinagoga de Castelo de Vide", *Ibn Maruán* 3, 1993, pp. 123-152.

tido uma chaminé, e respetivo fogo. Na opinião destes arqueólogos tal facto significa que o edifício teria uma utilização distinta da de uma mera casa de habitação. A sala onde se situa o suposto *hekhal* tem perto de 20 metros quadrados, dimensão superior à média das divisões existentes noutras casas construídas na mesma zona, o que para estes arqueólogos constitui outra evidência de ter sido projetada para ter uma utilização em cerimónias coletivas. No que se refere ao hipotético *hekhal*, devemos sublinhar o facto de esta estrutura não revelar sinais de ter tido portas de madeira, donde se conclui que seria encerrada apenas por cortinas. É forçoso reconhecer que a inexistência de indícios de utilização de portas não contribui para que este armário cumprisse uma função litúrgica de forma eficaz, situação que faz aumentar ainda mais as dúvidas sobre a sua identificação enquanto um *hekhal*. Ainda assim, também é verdade que nos casos em que o *hekhal* tem uma existência arquitetónica própria e autónoma, ou seja, quando é uma espécie de “capela” aberta na parede nascente das sinagogas, o seu encerramento realizava-se apenas com cortinas.

Seja como for, é importante ter em conta que a maior parte das sinagogas portuguesas não foram construídas de raiz, sendo muito mais comum a adaptação de simples casas de habitação para o serviço litúrgico, juntando divisões separadas, alargando portas, entaipando fogos e chaminés ou abrindo janelas mais largas. Nesse sentido, não se pode esperar que todos os espaços medievais portugueses dedicados ao culto judaico estejam tão bem documentados e apresentem a monumentalidade visível na Sinagoga de Tomar. Em contraste com a “sinagoga maior” de uma cidade, onde esta estrutura fazia parte de uma série de edifícios públicos que incluíam uma sala para os estudos talmúdicos, um espaço para o ensino das crianças, um espaço para banhos rituais, uma biblioteca e outras estruturas de apoio, no caso das sinagogas secundárias de uma grande cidade, ou nas sinagogas de vilas mais pequenas, é pouco provável que este tipo de estruturas existisse<sup>12</sup>. Em relação a Tomar a identificação da sinagoga é francamente mais simples e consensual, devido às características singulares do edifício e à longa tradição oral que indicava a existência da dita estrutura na Rua Nova, antiga Rua da Judiaria, dados que também se sustentam em documentação de arquivo que remonta aos inícios do século XVI<sup>13</sup>. Classificada como Monumento Nacional desde 1921, numa altura em que o espaço ainda funcionava como armazém de uma mercearia, esta antiga sinagoga foi adquirida por Samuel Schwarz, um engenheiro de minas de origem polaca, que doou o edifício ao Estado português, em 1939, com a condição de aí ser instalado um museu luso-hebraico<sup>14</sup>. Portanto, ao contrário da situação existente em Castelo de Vide, onde um edifício habitacional pré-existente poderá

12 ASSIS, Yom-Tov, “Synagogues in Medieval Spain”, *Jewish Art* 18, 1992, p. 14.

13 TEIXEIRA, Francisco Garcez, *A Antiga sinagoga de Tomar*, Lisboa, Tipografia do Comércio, 1925, pp. 8-9; SIMÕES, Santos, *Tomar e a sua Judiaria*, Tomar, Edição do Museu Luso-Hebraico, 1992 (1ª ed. 1943), pp. 18, 19.

14 SCHWARZ, Samuel, *Museu Luso-Hebraico em Tomar*, Lisboa, Gráfica Santelmo, 1939.

(ou não) ter sido adaptado a uma função religiosa judaica, a Sinagoga de Tomar é um edifício construído de raiz com essa finalidade.

A sala de orações da Sinagoga de Tomar corresponde a um espaço centralizado de planta quadrada, inteiramente abobadado, dividido por quatro colunas (fig. 3). A preservação deste edifício em tão bom estado deve-se ao facto de a sinagoga ter tido sempre uma

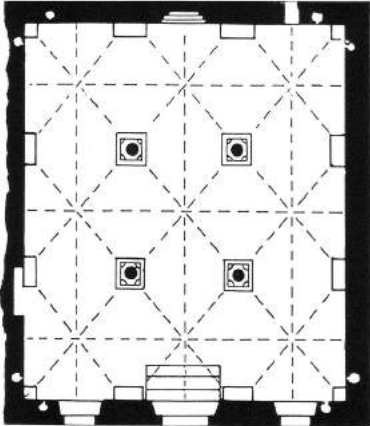


Fig. 3 - Planta da Sinagoga de Tomar

utilização que não implicou alterações estruturais. Começou por ser convertida numa prisão pouco depois da expulsão/conversão forçada de 1496-97 e mais tarde foi adaptada a um templo cristão dedicado a S. Bartolomeu, possivelmente nos finais do século XVI<sup>15</sup>. De acordo com Maria Ferro Tavares, a conversão das sinagogas portuguesas em templos cristãos apenas ocorreu nos casos em que a monumentalidade dos edifícios o justificava, já que na maior parte das vezes as sinagogas improvisadas regressaram à sua função original de casas de habitação, passando a ser ocupadas por cristãos-novos ou por cristãos-

velhos<sup>16</sup>. Além do caso ocorrido em Tomar, também a Sinagoga Grande de Lisboa foi transformada em igreja, sendo neste caso dedicada a Nossa Senhora da Conceição, o mesmo ocorrendo com a Sinagoga de Trancoso, que foi convertida em igreja de S. João de Vila Nova<sup>17</sup>.

A Sinagoga de Tomar é bastante alta no interior e oferece uma leitura espacial unificada, tendo apenas quatro esguias colunas a sustentar o arranque dos pés de abóbada alteados, assentes em capitéis quadrangulares, que permitem uma cobertura em abóbadas de aresta com altura igual (fig. 4). O espaço interior não apresenta grandes divisões, acentuando a focalização do fiel na *bimah*, um estrado ou púlpito quadrangular que deveria ocupar a zona central do templo, no meio das quatro colunas, sobre o qual o oficiante lia a *Torah* pousada no *tevah*. Ao contrário do que sucedia na Sinagoga Grande de Lisboa, é pouco provável que a *bimah* de Tomar tivesse uma ornamentação de tipo mudéjar<sup>18</sup>. Os poucos vestígios materiais que chegaram até

15 TEIXEIRA, Francisco Garcez, *A Antiga sinagoga de Tomar...*, p. 15.

16 TAVARES, Maria José Ferro, *As Judiarias de Portugal...*, p. 49.

17 Idem, *ibidem*, p. 49.

18 Jerónimo Münzer descreve sucintamente a sinagoga lisboeta, que visitou em 1494, dizendo que tinha uma plataforma elevada semelhante ao púlpito das mesquitas, ou seja, o *mimbar* [PUYOL, Julio, "Jerónimo Münzer. Viaje por España y Portugal en los años 1494 y 1495 (conclusión)", *Boletín de la Real Academia de la Historia* 84, 1924, pp. 197-279, 207]. Deveria tratar-se de uma peça imponente, de grandes dimensões, decorada numa linguagem mudéjar, tendo sido realizada, provavelmente, num período bastante anterior, nomeadamente no século XIV ou inícios do século XV, quando a associação ao "mudejarismo judaico" era mais forte no espaço ibérico. Através de outras fontes, sabemos que a sinagoga tinha três naves separadas por colunas, suportes que também se encontravam adossados às paredes laterais (TAVARES,



Fig. 4 - Interior da Sinagoga de Tomar

nós das sinagogas portuguesas, referentes ao século XV, afastam-se do modelo do “mudejarismo judaico”<sup>19</sup> que caracteriza a ornamentação da maior parte das sinagogas sefarditas dos séculos XIII e XIV. São exemplos deste tipo de linguagem as seguintes sinagogas: a Sinagoga Maior de Toledo, construída em 1260 e transformada em igreja de Santa Maria a Branca, ou seja, Nossa Senhora das Neves<sup>20</sup>; a Sinagoga de Sevilha, atual igreja de Santa Maria a Branca (portanto, de igual invocação), datada também da segunda metade do século XIII<sup>21</sup>; a Sinagoga Maior de Segóvia, dos finais do século XIII<sup>22</sup>; a Sinagoga de Molina de Aragón, também da mesma época<sup>23</sup>; ou ainda a luxuosa Sinagoga de Samuel ha-Levi em Toledo, posteriormente transformada em igreja do Trânsito de Nossa Senhora, edificada entre 1357 e 1363<sup>24</sup>. Com efeito, a adesão a linguagens góticas,

sem qualquer ligação à arte islâmica ou mudéjar, é um fenómeno próprio das sinagogas do século XV, como o demonstra a decoração flamejante patente nos estuques da Sinagoga de Lorca, datável da primeira metade do século XV<sup>25</sup>.

### As sinagogas portuguesas e a arquitetura tardo-gótica despojada<sup>26</sup>

Anteriormente, quando referi as características formais do hipotético *aron* ou *hekhhal* de Castelo de Vide, destaquei a sua vincada sobriedade e a insistência num tipo de decoração baseada na repetição de ressaltos decorrentes do formato do próprio armário.

Maria José Ferro, *As Judiarias de Portugal...*

- 19 FROJMOVIC, Eva, “Jewish mudéjarismo and the invention of tradition”, in CABALLERO-NAVAS, Carmen e ALFONSO, Esperanza (eds.), *Late Medieval Jewish Identities. Iberia and Beyond*, Nova Iorque, Palgrave, 2010, pp. 233-258.
- 20 CANTERA BURGOS, Francisco, *Sinagogas de Toledo, Segovia y Cordoba*, Madrid, CSIC, 1973; CANTERA BURGOS, Francisco, *Sinagogas españolas: con especial estudio de la de Córdoba y la toledana de El Tránsito*, Madrid, CSIC, 1984 (1ª ed. 1955), pp. 37-47.
- 21 GIL DELGADO, Óscar, “Una sinagoga desvelada en Sevilla: estudio arquitectónico”, *Sefarad* 73 (1), 2013, pp. 69-96.
- 22 BARTOLOMÉ HERRERO, Bonifacio, “La Sinagoga Mayor de Segovia y sus propiedades urbanas a comienzos de lo siglo XV”, *Sefarad* 72 (1), 2012, pp. 191-225.
- 23 ARENAS ESTEBAN, Jesús e CASTAÑO, Javier, “La sinagoga medieval de Molina de Aragón: evidencia documental y epigráfica”, *Sefarad* 70 (2), 2010, pp. 497-508.
- 24 CANTERA BURGOS, Francisco, *Sinagogas españolas...*, pp. 49-137.
- 25 GALLARDO CARRILO, Juan e GONZÁLEZ BALLESTEROS, José, “La judería de lo Castillo de Lorca a partir de las evidencias arqueológicas”, AAVV, *Lorca. Luzes de Sefarad. Lights of Sepharad*, Murcia, Tres Fronteras, 2009, pp. 182-219; PÉREZ ASENSIO, Manuel e SÁNCHEZ GÓMEZ, Paula, “La decoración en yeso de la sinagoga y de la judería del castillo de Lorca (Murcia)”, *Alberca: Revista de la Asociación de Amigos del Museo Arqueológico de Lorca* 7, 2009, pp. 75-96.
- 26 A presente seção repete, quase na íntegra, um texto que publiquei noutro local [AFONSO, Luís U., “As sinagogas portuguesas...

Tais características lineares encontram-se igualmente numa pequena janela de formato retangular existente na Sinagoga de Tomar (fig. 5), situada na parede sul, em frente à porta atual, e que se destinava, possivelmente, a iluminar e arejar o interior. Nestes dois elementos existe uma evidente sobriedade na forma de trabalhar a moldura dos vãos, insistindo num pendor geométrico, linear, resultante da forma comum de encarar o equipamento do espaço litúrgico.

Ainda a propósito da sinagoga de Tomar, merece destaque a tipologia de oito das suas doze mísulas, de tipo clássico, formalmente filiáveis na ordem jónica (fig. 6). Divididas em duas seções, estas oito mísulas arrancam com um pé cónico, marcado por caneluras regulares, seguindo-se o astrágalo e um emolduramento côncavo, de maior diâmetro, que sustenta a segunda seção da mísula, correspondente a meio-capitel perfeitamente ilustrativo da ordem jónica. Estas peças apresentam as típicas volutas enroladas na extremidade da mísula, esculpidas no mesmo plano, intervaladas por um registo com o motivo de óvulos e lancetas, ainda que trabalhado com alguma rudeza. Trata-se, pois, do primeiro exemplo conhecido da reintrodução em Portugal de uma das ordens clássicas da arquitetura, caídas em desuso após a queda do império romano. Estes precoces e isolados elementos surgem também numa construção situada em Ourém, não muito longe de Tomar, assunto que abordarei de imediato.

A partir dos elementos remanescentes em Castelo de Vide e em Tomar, é agora o momento de tentar perceber como é que eles se interrelacionam com a arquitetura cristã da mesma época. Desde Santos Simões, pelo menos, que foram sublinhadas as afinidades entre a Sinagoga de Tomar e a cripta da Colegiada de Ourém, datável da década de 1450<sup>27</sup>. O perfil do abobadamento em aresta é o mesmo, embora com pés de abóbada mais curtos, do mesmo modo que aqui se utilizou a pedra em vez do tijolo (fig. 7). Os suportes, incluindo os capitéis de formato quadrangular, achatados, quase sem coxim, são também iguais. O mesmo sucede com as colunas e mísulas, apesar da menor altura e do reforço necessário para a edificação do piso superior, contando-se seis colunas em vez de quatro. As semelhanças entre Ourém e Tomar são de tal ordem que certos elementos, como as mísulas, aparentam ter sido criadas pelo mesmo pedreiro e com as mesmas medidas (fig. 8).

A igreja e cripta de Ourém foi patrocinada por D. Afonso de Bragança (c.1402-1460), Conde de Ourém desde 1422 e Marquês de Valença desde 1451, varão primogénito destinado a herdar o título de Duque de Bragança, caso não tivesse falecido um ano antes do seu pai. Esta colegiada foi erguida no âmbito de uma campanha de renovação do velho morro de Ourém, onde se destaca a construção do paço abaluartado, durante a década de 1440. Para se ter uma ideia da abrangência das intervenções e do seu caráter

---

27 BARRADAS, Alexandra, *Ourém e Porto de Mós. A obra mecenática de D. Afonso, 4º Conde de Ourém*, Lisboa, Colibri, 2006, pp. 53 e 205.



Fig. 5 - Janela de moldura reta. Parede sul da Sinagoga de Tomar



Fig. 6 - Mísula jónica. Sinagoga de Tomar



Fig. 7 - Interior da cripta da Colegiada de Ourém



Fig. 8 - Mísula jónica. Cripta da Colegiada de Ourém

moderno e internacional, saliento a aquisição bem documentada de algumas obras de arte em Itália, como as terracotas vidradas que em 1453 “*el Marchese di Valença*” encomendou em Florença à oficina de Luca della Robbia<sup>28</sup>. A estrutura abaluartada do paço, bebida nas mais recentes inovações da arquitetura militar italiana, inclui vários pontos de interesse como os elegantes vãos com lintel denticulado, que também apontam para um horizonte italiano. Outro dado a destacar consiste nos vestígios das galerias de ronda que circundavam as zonas altas do paço, reminiscências do hurdício, apoiadas em arcos apontados feitos em tijolo e sustentados por mísulas esguias e profundas<sup>29</sup>. Embora incomparavelmente mais simples, a Sinagoga de Tomar também apresenta uma cornija em tijolo, com as peças dispostas em aresta, na diagonal, pelo que estamos perante mais um ponto de contacto entre Ourém e Tomar<sup>30</sup>.

Se estas relações entre as obras patrocinadas pelo Conde de Ourém e a sinagoga de Tomar

28 Idem, *ibidem*, p. 155.

29 SILVA, José C. V., *Paços Medievais Portugueses*, Lisboa, IPPAR, 1995; BARRADAS, Alexandra, *Ourém e Porto de Mós...*

30 SIMÕES, Santos, *Tomar e a sua Judiaria...*, p. 59.



são bem conhecidas graças ao trabalho de autores como Santos Simões<sup>31</sup> e Alexandra Barradas<sup>32</sup>, creio que ainda não foi suficientemente destacada a afinidade que existe entre estes elementos e os valores proto-humanistas expressos numa das vertentes da arquitetura tardo-gótica portuguesa. Refiro-me ao tardo-gótico despojado, ou linear, definido por uma simbologia de pendor neoestoico que se materializou numa linguagem decorativa de base geométrica e autorreferencial. Estudado por autores como José Custódio Vieira da Silva<sup>33</sup>, Pedro Dias<sup>34</sup> ou Paulo Pereira<sup>35</sup>, este estilo foi particularmente seguido em obras patrocinadas pelas ordens militares, especialmente os espatários e os hospitalários, mas também pelo regente D. Pedro, Duque de Coimbra, e pelo rei D. Afonso V, especialmente em estruturas claustrais como as dos mosteiros da Batalha e do Varatojo.

Trata-se de um tipo de arquitetura depurada, denotando um certo regresso às origens do gótico, que apesar de ser minoritária apresenta algumas obras de referência como a igreja de Santiago em Palmela<sup>36</sup>, de meados do século XV, e a igreja matriz de Tentúgal<sup>37</sup>, datável da década de 1430. Outros exemplos mais singelos, sobretudo pelas adulterações de que foram alvo em datas posteriores, dizem respeito a templos construídos na região Centro durante os meados do século XV. Em concreto, vejam-se os portais e vãos de portas da igreja de Santa Maria do Castelo, em Abrantes, ou as arcadas depuradas da igreja de S. Pedro, na Sertã, pertencente à Ordem dos Hospitalários<sup>38</sup>, ou as arcadas chanfradas do corpo da igreja de S. Tiago de Soure, atual igreja matriz, com os seus pilares octogonais sem capitéis<sup>39</sup>. Este tipo de obras vive de uma desornamentação extrema, chegando ao ponto de abdicar de capitéis, frisos e representações vegetalistas, optando por desenvolver uma decoração sóbria, estritamente geométrica, onde o perfil dos vãos, das janelas, das molduras ou dos pilares oferece o ponto de referência a partir do qual se formam linhas paralelas, ou concêntricas, de diferente espessura, com chanfros e ressaltos regulares, por vezes marcados por filetes, escócias e toros, que se afirmam na sua autorreferencialidade, repetindo, em espessuras e superfícies diferentes, o formato básico da estrutura que decoram. Provavelmente, o expoente desta linguagem depurada encontra-se no magnífico portal principal da igreja de Santiago de Palmela (fig. 9).

Há ainda outro elemento arquitetónico patente na Sinagoga de Tomar que merece

---

31 Idem, *ibidem*.

32 BARRADAS, Alexandra, *Ourém e Porto de Mós...*

33 SILVA, José C. V., *O Tardo-Gótico em Portugal. A arquitetura no Alentejo*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989.

34 DIAS, Pedro, *A Arquitectura Gótica Portuguesa*, Lisboa, Estampa, 1994.

35 PEREIRA, Paulo, "As grandes edificações (1450-1530)", in PEREIRA, Paulo (ed.), *História da Arte Portuguesa*, vol. 2, s.l., Círculo de Leitores, 1995, pp. 11-113.

36 SILVA, José C. V., *O Fascínio do Fim. Viagens pelo final da Idade Média*, Lisboa, Livros Horizonte, 1997. pp. 61-74.

37 DIAS, Pedro, *A Arquitectura Gótica Portuguesa...*, p. 162.

38 SERRÃO, Vítor e FARINHA, Ana, *Arte por Terras de Nun'Álvares. Pintores e obras dos séculos XVI a XVIII na Sertã e em Proença-a-Nova*, Lisboa, Theya, 2015, pp. 185-191.

39 DIAS, Pedro, *A Arquitectura Gótica Portuguesa...*, pp. 162-166.



Fig. 9 - Portal principal da igreja de Santiago de Palmela



Fig. 10 - Arco contracurvado. Sinagoga de Tomar

atenção. Trata-se da porta em arco contracurvado (fig. 10) que estabelecia a ligação entre a sala de orações da sinagoga e um vestíbulo contíguo, situado a nascente. À frente deste vestíbulo situava-se uma sala destinada às mulheres, de onde podiam acompanhar as cerimónias realizadas no interior. Sobre o vestíbulo e sobre a dita sala existia um piso sobradado, que deveria ser utilizado como espaço de estudo e para outras funções de apoio à comunidade<sup>40</sup>. Esta porta em arco contracurvado aponta para uma cronologia situada dentro da segunda metade do século XV, ao mesmo tempo que testemunha a dignidade conferida a este santuário. Não por acaso, este elemento foi também utilizado noutra obra patrocinada pelo Conde de Ourém, designadamente na varanda do Paço que construiu no antigo castelo de Porto de Mós, igualmente datável dos meados do século XV, tal como demonstrou José Custódio Vieira da Silva<sup>41</sup> (fig. 11).

Em suma, a autorreferencialidade da arquitetura tardo-gótica despojada caracteriza-se por um pendor fortemente geometrizarante, sendo formalmente minimalista, como vemos



Fig. 11 - Arco contracurvado. Varanda do Paço de Porto de Mós

também no hipotético *hekkhal* de Castelo de Vide e em algumas janelas da Sinagoga de Tomar. É uma linguagem racional, de uma elegante sobriedade, que se ajusta bem ao italianismo das mísulas jónicas utilizadas em Tomar e em Ourém, do mesmo modo que os vãos denticulados das portas de empena reta de Ourém se aproximam destes valores proto-humanistas. Esta arquitetura depurada e

40 SIMÕES, Santos, *Tomar e a sua Judiaria...* pp. 53-58, 91.

41 SILVA, José C. V., *Paços Medievais Portugueses...*

aparentemente simples corresponde ao tardo-gótico despojado praticado em Portugal, essencialmente, entre as décadas de 1420 e de 1480.

### A iluminura judaica portuguesa e a sua relação com a iluminura cristã

Das quase sete dezenas de manuscritos hebraicos medievais conhecidos que sabemos terem sido produzidos em Portugal, a esmagadora maioria foi copiada durante o século XV, sobretudo a partir de 1460<sup>42</sup>. Foi também neste período, nomeadamente nas últimas duas décadas do século XV, que se introduziu a tipografia judaica em Portugal, antecedendo a utilização desta tecnologia pelos cristãos<sup>43</sup>. Estes dois dados sinalizam a relevância do livro judaico português nos finais do século XV, época em que se registou um indiscutível incremento ao nível da sua produção e do seu consumo<sup>44</sup>. A maior parte destes livros manuscritos ou impressos era de natureza religiosa, consistindo essencialmente em Bíblias hebraicas (completas ou parciais) e em *siddurim* (livros pessoais de oração). De qualquer modo, esta produção abrangeu também livros de natureza secular dedicados à astrologia, à medicina, à farmacologia, à filosofia, à gramática e ao direito, atestando o interesse que estas matérias suscitavam às elites judaicas, entre as quais se notabilizavam os médicos e os astrólogos<sup>45</sup>.

Cerca de metade dos manuscritos portugueses identificados possui um colofão que indica a data de conclusão da cópia desse exemplar, o nome do copista, o local onde este realizou a cópia e, por vezes, o nome da pessoa que encomendou a obra, no caso de ser diferente do próprio copista. Graças a estas informações foi possível reconhecer a relevância da produção judaica portuguesa tardo-medieval em termos culturais, e artísticos, já que sem estes dados dificilmente estas obras seriam associadas a uma produção portuguesa, adiantando-se apenas a sua origem sefardita, visível pela paleografia e por alguns detalhes

---

42 MATOS, Débora, *The Ms. Parma 1959 in the context of the Portuguese Hebrew Illumination*, Dissertação de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011; AFONSO, Luís U., “A Escola de Lisboa no contexto dos manuscritos sefarditas iluminados tardo-medievais”, in AFONSO, Luís U. e PINTO, Paulo M. (eds.), *O livro e as interações culturais judaico-cristãs em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas, 2014, pp. 263-308; AFONSO, Luís U. e MOITA, Tiago, “A iluminura judaica portuguesa tardo-medieval”, AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015, pp. 53-66; MOITA, Tiago, “Tipologia e caracterização codicológica dos manuscritos hebraicos portugueses do século XV”, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015a, pp. 41-52.

43 ANSELMO, Artur, *Origens da Imprensa em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981; OLIVEIRA, João C., “Os incunábulo hebraicos portugueses”, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015, pp. 79-86.

44 TAVARES, Maria Ferro, “Os judeus portugueses no século XV”, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015, pp. 19-40.

45 MOITA, Tiago, “Tipologia e caracterização codicológica...”, CARVALHO, Helena e RIBEIRO, Luís, “A ciência judaica em Portugal no século XV”, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015, pp. 87-91.

codicológicos. De facto, em resultado da expulsão dos judeus de Portugal e do confisco dos seus livros em 1496-97<sup>46</sup>, a maior parte dos manuscritos hebraicos existentes em Portugal foram destruídos, confiscados para venda no estrangeiro ou clandestinamente levados para fora do país<sup>47</sup>. O risco de ser detido por possuir manuscritos hebraicos era muito alto, pelo que todos os manuscritos hebraicos feitos em Portugal no final do século XV que lograram alcançar os nossos dias se encontram no estrangeiro, nomeadamente em bibliotecas de Parma, Oxford, Londres, Paris, Nova Iorque, Roma, Birmingham [Alabama], Filadélfia, Cincinnati, Copenhaga, Zurique, Moscovo, Jerusalém, entre outros locais<sup>48</sup>.

Do ponto de vista da história da arte, o reconhecimento da relevância da produção judaica portuguesa deu-se apenas entre o final da década de 1960 e os meados da década seguinte, através de estudos publicados por Bezalel Narkiss<sup>49</sup>, Gabrielle Sed-Rajna<sup>50</sup> e Thérèse Metzger<sup>51</sup>. Em Portugal, porém, esta produção ainda permanece largamente desconhecida do público, apesar do trabalho realizado nos últimos anos em termos de investigação, divulgação e valorização deste património artístico<sup>52</sup>. Graças ao empenho de diversos investigadores e a várias iniciativas de inventariação e classificação destes manuscritos, merecendo destaque o levantamento coordenado por Bezalel Narkiss dedicado aos códices sefarditas conservados em bibliotecas britânicas e irlandesas<sup>53</sup>, foi possível alargar para cerca de trinta manuscritos hebraicos o número de obras decoradas produzidas em Portugal no último terço do século XV. Embora apenas duas dezenas destes manuscritos possuam iluminuras, sendo a ornamentação dos restantes realizada somente com motivos desenhados ou filigranados com o recurso à pena, e não ao pincel, no universo dos manuscritos identificados é possível diferenciar um conjunto bastante coerente de obras copiadas e iluminadas em Lisboa que partilham as mesmas características em termos plásticos e que permitem a sua autonomização como um grupo coerente. Este grupo, identificado como “Escola de Lisboa”, inclui manuscritos produzidos entre 1472

46 SOYER, François, *A perseguição aos Judeus e Muçulmanos de Portugal. D. Manuel I e o fim da tolerância religiosa (1496-1497)*, Lisboa, Edições 70, 2013, pp. 237-241.

47 MOITA, Tiago, “O livro hebraico português medieval: uma história de sobrevivência”, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015b, pp. 67-78.

48 Idem, *ibidem*.

49 NARKISS, Bezalel, *Hebrew Illuminated Manuscripts*, Jerusalém, Encyclopedia Judaica, 1969.

50 SED-RAJNA, Gabrielle, *Manuscrits Hébreux de Lisbonne. Un atelier de copistes et d'enlumineurs au XVIe siècle*, Paris, Centre National de Recherche Scientifique, 1970.

51 METZGER, Thérèse, *Les Manuscrits Hébreux copiés et décorés à Lisbonne dans les dernières décennies du XVIe siècle*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

52 Onde se inclui o projeto de investigação que tive a oportunidade de coordenar, referido na nota 1, e a pequena exposição que comissariei com a Prof. Adelaide Miranda na Biblioteca Nacional de Portugal, aberta ao público entre fevereiro e maio de 2015.

53 NARKISS, Bezalel e COHEN-MUSHLIN, Aliza e TCHERIKOVER, Anat, *Hebrew Illuminated Manuscripts in the British Isles. The Spanish and Portuguese Manuscripts*, Jerusalem, Israel Academy of Sciences and Humanities / British Academy, 1982.

e 1496<sup>54</sup>. Dotados de uma grande idiossincrasia, estes manuscritos diferenciam-se da iluminura cristã portuguesa da mesma época e dos restantes núcleos sefarditas e italianos de iluminura judaica, especialmente em relação aos manuscritos da chamada “Escola Andaluza”<sup>55</sup>, ativa entre os finais da década de 1460 e os inícios da década de 1480, dos quais se conserva um belíssimo exemplar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (fig. 12).

A “Escola de Lisboa” caracteriza-se pela aplicação de quatro soluções decorativas muitas vezes conjugadas no mesmo manuscrito<sup>56</sup>.

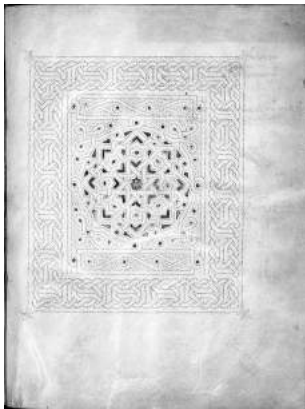


Fig. 12 - Bíblia de Coimbra. Sevilha (?), c.1470. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Coimbra, Cofre 1, fol. 3r

A primeira dessas características consiste numa cercadura formada por *rincaux* de linhas finas, desenhadas a negro, maioritariamente traçados contra o fundo natural do pergaminho ou contra um fundo colorido. Em segundo lugar destaca-se o recurso a filigranas desenhadas em púrpura pálida, combinadas, por vezes, com filetes e/ou letras pintadas a ouro. Estas duas características podem ser observadas em conjunto em vários manuscritos portugueses, como sucede em vários fólhos da *Bíblia de Lisboa*, copiada nesta cidade em 1482. (fig. 13). Em terceiro lugar destaca-se a utilização de um tipo de cercadura fito-zoomórfica típica do gótico

tardio, pontilhada por círculos de ouro, repetida sem variações significativas em vários manuscritos deste grupo, como podemos observar num *siddur* copiado em Lisboa em 1484, neste caso combinando este tipo de cercadura com um painel central em filigrana desenhada em púrpura pálida. (fig. 14). Este tipo de cercadura, nomeadamente no modelo utilizado em alguns pés de página, tem fortes afinidades com a iluminura cristã e judaica italiana dos meados do século XV, conforme demonstrou Tiago Moita<sup>57</sup>. Por fim, a última solução característica deste grupo diz respeito à utilização de formas geométricas muito esquemáticas para apresentar a micrografia da massorá, nomeadamente triângulos, círculos e retas oblíquas, ou mesmo a sua distribuição em linhas paralelas.

54 AFONSO, Luis U., “A Escola de Lisboa no contexto...”; AFONSO, Luís U. e MOITA, Tiago, “A iluminura judaica portuguesa...”

55 KOGMAN-APPEL, Katrin, *Jewish Book Art Between Islam and Christianity*, Leiden, Brill, 2004; AFONSO, Luís U. e MOITA, Tiago e MATOS, Débora, “La Biblia de Coimbra y la «Escuela Andaluza» de iluminación hebraica”, *Archivo Español de Arte* n. 349, 2015, pp. 53-68.

56 AFONSO, Luis U., “A Escola de Lisboa no contexto...”; AFONSO, Luis U., “A Escola de Lisboa de iluminura hebraica”, *Invenire. Fiat Lux. Estudos sobre manuscritos iluminados em Portugal*, n. 1, 2015, pp. 74-81; AFONSO, Luís U. e MOITA, Tiago, “A iluminura judaica portuguesa...”

57 MOITA, Tiago, “Italian connections: as cercaduras acânticas dos manuscritos hebraicos portugueses e sua eventual relação com a iluminura napolitana”, *Cadernos de História de Arte* 2, 2014, pp. 182-188.

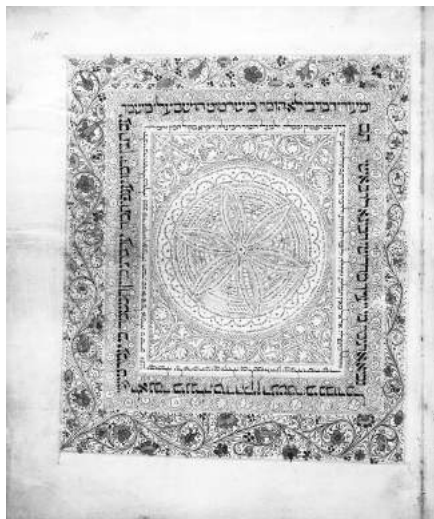


Fig. 13 - Bíblia de Lisboa. Lisboa, 1482.  
British Library, Londres, Ms Or 2628, f. 185r



Fig. 14 - Siddur. Lisboa, 1484. Bibliothèque nationale de France, Paris, Ms Hébreu 592, f. 413v

Tal como demonstrou uma equipa liderada por Adelaide Miranda<sup>58</sup>, a linguagem tardo-medieval dominante nestes manuscritos é compatível com a cultura visual transmitida pelos livros iluminados que circulavam em Portugal na mesma altura. Particularmente notadas são as afinidades no uso abundante da filigrana, embora a filigrana cristã portuguesa recorra sobretudo ao azul escuro e ao vermelho, enquanto a hebraica utiliza cores bem diferentes, como o púrpura pálido, o verde claro e o negro. Outro elemento partilhado diz respeito à preferência dada às cercaduras fito-zoomórficas que decoravam Livros de Horas flamengos e franceses e a utilização abundante de elementos (pseudo)heráldicos nas margens inferior e superior. O estudo conduzido por esta equipa demonstrou que apesar de existir uma cultura visual comum, são bastante raros os livros iluminados cristãos feitos em Portugal com semelhanças claras com os manuscritos hebraicos portugueses. Os casos de maiores semelhanças destacados por esta equipa de investigadores dizem respeito a alguns manuscritos produzidos na corte régia, um Livro de Horas, provavelmente realizado em Alcobaça que se conserva na Biblioteca Nacional de Portugal (IL 205), e uma ou outra obra realizada no *scriptorium* do Mosteiro de Jesus em Aveiro<sup>59</sup>. Consequentemente, as afinidades entre os manuscritos judaicos e os cristãos produzidos em Portugal são bastante ligeiras e incidem, sobretudo, na partilha de uma cultura visual aplicada à decoração de livros em termos muito gerais. Apesar do recurso ao mesmo tipo

58 MIRANDA, Adelaide e RIBEIRO, Luís e BARREIRA, Catarina e CARDOSO, Paula, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015, pp. 99-107.

59 Idem, *Ibidem*.



de linguagem ornamental nas cercaduras, nomeadamente a utilização de elementos fito-zoomórficas e *rincaux* muito elaborados, a verdade é que as diferenças entre os livros cristãos e os livros judaicos são grandes. Por isso, não existem evidências formais (nem documentais) de os encomendantes judaicos terem recorrido a iluminadores cristãos, sendo tal trabalho realizado por iluminadores judeus. Importa salientar também o facto de esta apropriação da linguagem ornamental tardo-gótica cristã ser complementada por elementos proto-renascentistas italianos nas obras mais tardias. Entre estes destaca-se o recurso a grinaldas e a elementos geométricos que criam uma ilusão de tridimensionalidade, situação visível nas cercaduras interiores de alguns manuscritos mais tardios. De provável influência do “renascimento nórdico” são alguns insetos representados de forma mais realista, como sucede com as borboletas. No seu conjunto, tais elementos parecem apontar para uma abertura maior à iluminura italiana (cristã e hebraica) e à iluminura cristã setentrional, sobretudo a flamenga, do que à própria iluminura cristã feita em Portugal. Importa sublinhar, porém, que esta afinidade não pode ser confundida com uma mimetização simples da iluminura cristã que circulava em Portugal, sobretudo através de Livros de Horas flamengos e franceses. De facto, na iluminura judaica existe um claríssimo ajustamento dos códigos ornamentais cristãos, sobretudo pela exclusão de quaisquer representações antropomórficas e por uma série de restrições nas representações zoomórficas, acentuando-se a preferência por criaturas aladas e por leões. Para além disso, deve destacar-se o desenvolvimento de soluções decorativas que não têm eco na iluminura cristã, como sucede com os ornatos geométricos compostos pela micrografia da massorá. Outra diferença a assinalar diz respeito ao uso na mesma página de padrões de filigrana desenhada em púrpura pálida, uma cor quase inexistente na filigrana cristã da época, sobretudo quando conjugada com filetes e palavras em crisografia. Nesse sentido, podemos dizer que os iluminadores judeus portugueses adaptaram dos manuscritos iluminados cristãos, sobretudo dos Livros de Horas, os tipos de cercadura mais comuns e populares na sua época, embora restringindo a sua variedade e o tipo de vocábulos admissíveis nessas cercaduras. Do mesmo modo, devido aos interditos religiosos judaicos relacionados com a admissibilidade da figuração em espaços ou objetos sagrados, estes iluminadores optaram por eliminar os quadros centrais figurativos, utilizados regularmente nos manuscritos cristãos, muitas vezes com imagens alusivas aos ciclos da Vida de Cristo ou da Vida da Virgem. Essas imagens, que constituíam motivo de veneração para os cristãos, são substituídas nos manuscritos hebraicos por painéis filigranados, formando padrões abstratos, pautados por uma palavra ou frase retirada dos textos sagrados, substituindo assim o objeto de veneração patente no centro do fólio, passando o foco do figurativo para o textual.



## Evidências de interações artísticas judaico-cristãs no mundo sefardita

Garcez Teixeira<sup>60</sup> e Santos Simões<sup>61</sup> propuseram uma autoria muçulmana, magrebina, para a Sinagoga de Tomar e para a Cripta da Colegiada de Ourém. Apesar de não ter grande base de sustentação, esta estranha proposta foi seguida por vários outros investigadores, sobretudo estrangeiros, como Carol Krinsky<sup>62</sup> e Jerrilynn Dodds<sup>63</sup>. Estes autores consideram que os capitéis quadrangulares e achatados existentes nos dois edifícios, as suas mísulas de inspiração jónica, o abobadamento peculiar das duas estruturas (com abóbadas de aresta alteadas, feitas em tijolo ou em pedra) e a planimetria quadrangular da sinagoga implicam uma filiação em pequenas mesquitas do Magrebe, sem especificarem suficientemente a que monumentos se referem em concreto, ao mesmo tempo que alguns destes autores sugerem supostas continuidades deste modelo em sinagogas levantadas nos Balcãs<sup>64</sup>. Santos Simões considera que as elites da judiaria de Tomar solicitaram à Casa de Bragança “*um dos artífices bárbaros*”, isto é, “*pedreiros e canteiros de origem moura*”, provenientes de Marrocos, que supostamente trabalhavam em Ourém<sup>65</sup>. Segundo Santos Simões, estes pedreiros poderiam estar a trabalhar noutras sinagogas de judiarias pertencentes ao património dos Bragança, sendo escolhidos por não serem cristãos e, por esse motivo, se “*prestarem melhor a construir uma sinagoga*”<sup>66</sup>.

Face aos conhecimentos de que dispomos hoje em dia, estas propostas não são minimamente credíveis. Por um lado, nesta altura não existia em Portugal um enquadramento político e cultural que permitisse a atribuição de funções tão decisivas, como a liderança de um estaleiro de obras, a artistas muçulmanos, nativos ou vindos do Magrebe. Esta situação é muito diferente do emprego de mão de obra moura peninsular para produzir obras de azulejo, estuque ou carpintaria, dada a sua especial competência nestes *media* artísticos. Por outro lado, quer as mísulas de Tomar e de Ourém quer os lintéis das portas das torres abaluartadas da mesma vila apresentam características de um claro italianismo proto-renascentista, incompatível com a cultura artística muçulmana da época. Por estes motivos, e atendendo à inovação que alguns destes elementos representam no panorama

60 TEIXEIRA, Francisco Garcez, *A Antiga sinagoga de Tomar...*, p. 12.

61 SIMÕES, Santos, *Tomar e a sua Judiaria...*, p. 68.

62 KRINSKY, Carol H., *Synagogues of Europe. Architecture, History, Meaning*, Nova Iorque, Architectural History Foundation, 1985, pp. 339-340.

63 DODDS, Jerrilynn, “Mudejar tradition and the synagogues of medieval Spain: cultural identity and cultural hegemony”, in MANN, Vivian e GLICK, Thomas e DODDS, Jerrilynn (eds.), *Convivencia. Jews, Muslims, and Christians in medieval Spain*, Nova Iorque, Museum of Biblical Art, 1992, pp. 129-130. Don Halperin constitui uma honrosa exceção, identificando corretamente a filiação tardo-gótica dos capitéis e das bases de colunas, bem como a filiação renascentista das mísulas (HALPERIN, Don, *The Ancient Synagogues of the Iberian Peninsula*, Gainesville, University of Florida Press, 1969, p. 33).

64 KRINSKY, Carol H., *Synagogues of Europe...*, p. 339.

65 SIMÕES, Santos, *Tomar e a sua Judiaria...*, p. 76.

66 Idem, *Ibidem*.

nacional da época, julgo que a sua autoria se deve a um mestre italiano, recrutado pelo Conde D. Afonso durante uma das longas viagens que fez ao estrangeiro, nomeadamente durante uma das suas prolongadas estadas em Itália, no início da década de 1450.

Entre 1429 e 1458 o Conde de Ourém viajou para o estrangeiro pelo menos cinco vezes, em missões diplomáticas ou militares, destacando-se a sua participação no Concílio de Basileia em 1436-37. Nesses vastos périplos passou por cidades como Ávila, Toledo, Alcalá de Henares, Valência, Tortosa, Barcelona, Marselha, Livorno, Pisa, Assis, Florença, Bolonha, Parma, Modena, Milão, Siena, Roma, Veneza, Londres, Bruges, Gant, Malines, Arras, Bruxelas, Lausanne, Basileia, Estrasburgo, Bona, Colónia, e ainda Ceuta, Alcácer Ceguér, Jerusalém, Cairo e Damasco<sup>67</sup>. O elevadíssimo estatuto social do Conde D. Afonso, equiparável ao de um príncipe, exigia a edificação de moradias monumentais e modernas, pelo que tal mestre italiano poderia ter sido escolhido para edificar o novo paço abaluartado de D. Afonso, acabando por deixar a sua marca também na Colegiada de Ourém e na Sinagoga de Tomar. Eventualmente, este mestre poderia ter auxiliares judeus, embora nada de concreto possa ser adiantado a esse respeito. Certo é o facto de o Conde de Ourém deter também as “*rendas, direitos e pertenças*” das judiarias de Lisboa, que no reinado de D. Manuel rendiam 1260000 reais, além dos direitos das judiarias de Ourém e de Porto de Mós, que rendiam, respetivamente, 80000 e 2820 reais, pelo que o Conde D. Afonso provavelmente teria um contato frequente com as elites judaicas residentes nessas localidades<sup>68</sup>. De qualquer modo, a colaboração entre artistas judeus e cristãos na Ibéria está muito bem documentada para os finais da Idade Média, bem como a relação entre encomendantes cristãos e artífices judeus e entre encomendantes judeus e artistas cristãos.

Um dos exemplos mais eloquentes dessa colaboração interconfessional diz respeito à famosa *Bíblia de Alba*, ou *Bíblia de Arragel*, uma encomenda que o Mestre da Ordem de Calatrava fez em 1422 ao rabi Moisés de Arragel, que não só traduziu a Bíblia diretamente do hebraico para o castelhano como ainda a comentou. As iluminuras que acompanham o texto foram produzidas por artistas cristãos toledanos, eventualmente com algum suporte da parte do rabi no que se refere às inscrições hebraicas<sup>69</sup>. Bastante mais comum do que este caso particular, e que tem um paralelo interessante na *Bíblia da Ajuda*<sup>70</sup>, igualmente uma bíblia em língua romance, foi a situação vivida em Aragão por diversos pintores judeus que produziam retábulos religiosos para encomendantes cristãos. Abraão de Salinas, estabelecido em Saragoça, pintou o retábulo da *Vida da Virgem* para a catedral da mesma cidade em 1393, portanto pouco depois

---

67 BARRADAS, Alexandra, *Ourém e Porto de Mós...*, p. 133-157.

68 Idem, *Ibidem*, pp. 74 e 88.

69 FELLOUS, Sonia, *Histoire de la Bible de Moïse Arragel. Quand un rabbin interprète la Bible pour les chrétiens*, Paris, Somogy, 2001.

70 MOITA, Tiago, “Entre os Judeus Portuguezes e Espanhoes...”

dos massacres de 1391, sendo ajudado no douramento das molduras por um ourives judeu chamado Bonafós Abenxueu<sup>71</sup>. Em data posterior, este pintor produziu ainda retábulos para as igrejas de S. Filipe e de S. João Batista, na mesma cidade, e dois retábulos para a igreja de Puebla de Alborton, incluindo um com seis painéis sobre a *Anunciação*<sup>72</sup>. Também no domínio da ourivesaria existem dados muito claros acerca da produção de alfaias litúrgicas cristãs por parte de ourives judeus, como sucedeu nos casos de Salomão Barbut e Judá Almoli, dois artesãos catalães ativos nos finais do século XIV<sup>73</sup>. Ao nível da iluminura, um dos casos mais célebres de interação entre judeus e cristãos diz respeito a Joel ben Simeon, nascido na Renânia, aparentemente em Colónia ou em Bona, e com obra documentada entre 1449 e 1485. Com efeito, sabe-se que este iluminador judeu colaborou com várias oficinas cristãs de iluminação, nomeadamente com a que Johannes Bamler de Augsburg detinha em Frankfurt, produzindo diversas obras para uso de cristãos<sup>74</sup>.

Outra situação que tem de ser destacada dentro destas práticas de interação diz respeito às situações inversas à de Joel ben Simeon, ou seja, os casos de manuscritos judaicos iluminados por artistas cristãos, o que exigia, normalmente, uma estreita colaboração com copistas judaicos<sup>75</sup>. Esta situação encontra-se bem documentada em diversas regiões europeias, nomeadamente na Alemanha<sup>76</sup>, na Suíça<sup>77</sup>, em Aragão e em Itália<sup>78</sup>, onde iluminadores como os florentinos Zenobi Strozzi (1412-1468) e Mariano del Buono (1433-1504) iluminaram diversos manuscritos hebraicos. Apesar de a autoria destes dois iluminadores estar muito bem documentada, graças a alguns contratos notariais preservados, existem muitos outros manuscritos hebraicos cujas iluminuras apresentam características plásticas que permitem associar a sua execução a oficinas cristãs. É este o caso, por exemplo, das oficinas de Mattheo di ser Cambio di Bettolo (ativo nos finais do século XIV), Bonifacio Bembo de Cremona (ativo entre 1447 e 1477), Christoforo Predis (ativo entre 1452 e 1487) e Francesco Roselli (ativo entre 1470 e 1485)<sup>79</sup>.

Um caso particularmente ilustrativo da interação entre cristãos e judeus envolve uma Bíblia hebraica portuguesa levada para Itália após a expulsão de 1496-97. A Bíblia em

71 MANN, Vivian, "Jews and altarpieces in medieval Spain", in MANN, Vivian (ed.), *Uneasy Communion. Jews, Christians, and the altarpieces of medieval Spain*, Nova Iorque, Museum of Biblical Art, 2010, p. 86.

72 Idem, *ibidem*, p. 86.

73 SHATZMILLER, Joseph, *Cultural Exchange: Jews, Christians, and art in the Medieval marketplace*, Princeton, Princeton University Press, 2013, p. 155.

74 Idem, *ibidem*, p. 116.

75 Idem, *ibidem*, pp. 121-140.

76 FROJMOVIC, Eva, "Jewish scribes and Christian illuminators. Interstitial encounters and cultural negotiation", in KOGMAN-APPEL, Katrin e MEYER, Mati (eds.), *Between Judaism and Christianity. Art historical essays in honor of Elisheva (Elisabeth) Revel-Neher*, Leiden, Brill, 2009, pp. 281-305.

77 SHALEV-EYNI, Sarit, *Jews among Christians. Hebrew book illumination from Lake Constance*, Londres, Harvey Miller, 2010.

78 SHATZMILLER, Joseph, *Cultural Exchange...*

79 Idem, *ibidem*, pp. 123-124.

questão, atualmente na Biblioteca Nacional de França (MS Hebr. 15), contém dois fólios iluminados de acordo com os modelos da última fase da Escola de Lisboa<sup>80</sup>. A estes dois fólios, realizados em Lisboa, acrescem sete outras iluminuras de estilo radicalmente diferente, de tipo renascentista, muito possivelmente realizadas em Florença pela oficina de Attavante degli Attavanti (1452-1517) no limiar do século XVI<sup>81</sup>. Também com base em interpretações de natureza formal, vários investigadores consideram que a oficina de pintura do célebre Ferrer Bassa, instalada em Barcelona junto à judiaria, foi responsável pela iluminação de vários fólios de uma cópia do *Guia dos Perplexos* de Maimónides, realizada em 1347-48, que atualmente se conserva em Copenhaga<sup>82</sup>. Ainda assim, é pelo grande número e diversidade de erros iconográficos e compositivos patentes em manuscritos judaicos, onde se destacam as iluminuras invertidas face à ordem do texto, que muitas dessas obras revelam ter sido produzidas por iluminadores cristãos<sup>83</sup>. Estes artistas desconheciam muitas das especificidades e particularidades dos judeus seus contemporâneos, trocando coisas tão simples como o alto e o baixo da página, do mesmo modo que tinham dificuldade em libertar-se de modelos iconográficos cristãos para ilustrar episódios bíblicos<sup>84</sup>.

Muitos dos artífices sefarditas que trabalharam para encomendantes cristãos acabaram por se converter ao cristianismo, devido à violência e à forte pressão social existente no período entre 1391 e 1416. São exemplos disso as oficinas de pintura da família Leví em Tarazona, uma das mais bem sucedidas na região durante esse período, que além da pintura sobre madeira fazia ainda pintura sobre vidro, ou a família Zahortiga, também documentada no primeiro quartel do século XV na região de Saragoça<sup>85</sup>. A extensão e exatidão de inscrições hebraicas em pinturas góticas cristãs aragonesas revela, no mínimo, a colaboração de judeus ou conversos nestas oficinas, seja como pintores ou como escribas em colaborações pontuais, quando não a presença de mestres pintores conversos, como será o caso de Bartolomé de Cárdenas, ativo nos finais do século XV<sup>86</sup>. O contacto com obras cristãs podia ser acentuado sempre que peças de ourivesaria, roupas de luxo e manuscritos eram entregues como penhor de empréstimos solicitados por indivíduos cristãos ou por instituições religiosas cristãs. Embora desconheçamos se houve ou não situações deste tipo em Portugal, tais práticas foram muito comuns no mundo asquenaze dos séculos

---

80 AFONSO, Luís U. e MOITA, Tiago, “A iluminura judaica portuguesa...

81 MOITA, Tiago, “S. Bíblia”, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015c, pp. 119-120.

82 SHATZMILLER, Joseph, *Cultural Exchange: Jews...*, p. 118.

83 Idem, *ibidem*, pp. 126-131.

84 FROJMOVIC, Eva, “Jewish scribes and Christian...

85 MANN, Vivian, “Jews and altarpieces in...”, pp. 89-90.

86 Idem, *ibidem*, p. 91.

XIII, XIV e XV<sup>87</sup>. A entrega de objetos litúrgicos cristãos como penhor terá mesmo contribuído para a criação de algumas tipologias de objetos litúrgicos judaicos, como o *besamim*, um pequeno cofre para colocar murta e outras substâncias aromáticas utilizado semanalmente no final do Sabat e no final de festas religiosas judaicas. Frequentemente, este cofre era trabalhado em forma de torreão, apresentando muitas afinidades com os relicários e as custódias cristãs do mundo gótico<sup>88</sup>.

Mesmo quando a oficina de pintura não tem possibilidade, ou interesse, em reproduzir com exatidão um texto hebraico, pode recorrer a uma escrita fictícia, pseudo-hebraica, para sinalizar essa realidade linguística. No chamado “Painel da Relíquia” do famoso *Retábulo de S. Vicente*, produzido para a Sé de Lisboa e atribuído ao pintor Nuno Gonçalves, com uma cronologia provável situada no final da década de 1460, apresenta-se um indivíduo cujo manto ostenta um sinal vermelho de seis pontas cosido à altura do peito<sup>89</sup>. Este homem, maioritariamente identificado como um judeu (reconhecimento que subscrevemos), sustenta um livro que parece folhear numa ordem inversa à dos livros cristãos<sup>90</sup>. O livro está escrito num pseudo-alfabeto hebraico de letras cursivas e organiza-se à maneira das Bíblias hebraicas em formato de códex retangular, com o lado maior



Fig. 15 - Bíblia escrita em pseudo-hebraico. Detalhe do “Painel da Relíquia” do Retábulo de S. Vicente atribuído a Nuno Gonçalves, c.1470. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga

ao alto, como era comum nas bíblias sefarditas do século XV. De igual modo, o texto é apresentado em duas colunas e complementado por anotações micrográficas destinadas a assegurar uma correta transmissão do texto bíblico (fig. 15). Essas anotações no intercolúquio e nas margens verticais correspondem à massorá menor (*masorah parva*) e a das margens superiores e inferiores da página, nas linhas horizontais, correspondem à massorá maior (*masorah magna*). Este modelo de anotações marginais tipicamente judaico é reproduzido na pintura em apreço, conforme destacou David

87 SHATZMILLER, Joseph, *Cultural Exchange: Jews...*

88 Idem, *ibidem*, p. 121.

89 A obrigatoriedade do uso de um sinal diferenciador tornou-se mais firme a partir dos reinados de D. Pedro I e de D. João I. Esta prática discriminatória manteve-se mesmo após a expulsão de 1496-97. Com efeito, desde o reinado de D. João III, pelo menos, que os judeus excepcionalmente autorizados a transitar ou a permanecer temporariamente em Portugal continental, depois da dita expulsão geral, estavam obrigados ao uso de um sinal identificativo na sua roupa. Estes casos excecionais referem-se, fundamentalmente, a judeus residentes nas praças portuguesas de Marrocos (Safim, Azamor, Arzila, Mazagão, Tânger), onde estes indivíduos exerciam funções de intérpretes e de intermediação diplomática ao serviço da coroa portuguesa, sendo ocasionalmente chamados a Lisboa. Além destes, havia também judeus que desempenhavam o mesmo tipo de funções para monarcas marroquinos junto da corte portuguesa (TAVARES, Maria Ferro, “Judeus de sinal em Portugal no século XVI”, *Cultura. História e filosofia* 5, 1986, pp. 339-363).

90 ABULAFIA, David, “The Jew on the Altar: the image of the Jew in the Veneration of St. Vincent attribute do Nuno Gonçalves”, *Mediterranean Studies* 10, 2001, pp. 37-48.

Abulafia<sup>91</sup>. Assim, é bastante plausível que a oficina de Nuno Gonçalves tenha tido acesso a uma bíblia sefardita verdadeira, utilizando-a como modelo fidedigno para a mesma representação, sinalizando o papel essencial dos judeus na hermenêutica das Sagradas Escrituras, devido ao seu domínio do hebraico e do aramaico. Registe-se, porém, que este judeu se encontra no último painel do lado esquerdo do retábulo, portanto nos limites desta representação coletiva, o que se ajusta ao caráter marginal dos judeus dentro da comunidade: ou seja, integrados, mas subordinados<sup>92</sup>.

Outro bom exemplo da interação entre a cultura judaica e a cultura cristã no domínio das artes é dado pelo célebre receituário copiado em Loulé por Abraão ibn Hayyim, em 1462, intitulado “O Livro de como se fazem as cores das tintas”<sup>93</sup>. Maioritariamente dedicado a receitas para preparação de pigmentos, aglutinantes e corantes para uso na arte da iluminura, este receituário consiste na cópia de uma compilação de duas ou três fontes anteriores, uma das quais datará do século XIV<sup>94</sup>. O aspeto mais revelador do caráter intercultural deste receituário reside no facto de ser um texto escrito em língua portuguesa por um copista judeu que utilizou o alfabeto hebraico. Tudo isto num códice miscelâneo, esmagadoramente escrito em hebraico, e que contém uma série de textos sobre a cópia correta e a decoração de textos judaicos sagrados<sup>95</sup>.

## Conclusão

Devido ao estatuto minoritário e marginal dos judeus dentro da sociedade cristã tardo-medieval, a influência da arte e da cultura judaica sobre a arte e a cultura cristã existiu mas foi francamente limitada. Atendendo à desproporção de forças, a integração dos judeus na cultura dominante é bem evidente na dependência que a sua produção artística revela face aos modelos cristãos, apesar de ser reconhecida a especial autoridade dos judeus em matérias de exegese das Sagradas Escrituras. De facto, o estudo do hebraico

---

91 Idem, *ibidem*, p. 42.

92 Idem, *ibidem*, p. 46. A representação de objetos judaicos na pintura cristã do período tardo-gótico é relativamente comum na pintura ibérica, especialmente na vastíssima produção catalã. Este tipo de elementos surge com frequência nas pinturas que representam a *Expulsão de Santa Ana e S. Joaquim do Templo*, a *Apresentação do Menino no Templo*, a *Circuncisão* e o *Menino entre os Doutores*. Esta prática corresponde ao esforço dos pintores em tornar as imagens mais verosímeis, projetando para os judeus do tempo de Jesus os hábitos e os objetos dos judeus sefarditas seus contemporâneos. Esta prática testemunha a crescente familiaridade dos pintores cristãos com os costumes e os objetos usados na liturgia judaica da sua época, representando armários da *Torah* (*hekhhal*), capas de pano ou estojos em madeira para guardar a *Torah* (*tik*), facas curvas para a circuncisão, além de manuscritos abertos com texto em hebraico (MANN, Vivian, “Jews and altarpieces...”).

93 CRUZ, António J. e AFONSO, Luís U., “On the date and contents of a Portuguese medieval technical book on illumination: O livro de como se fazem as cores”, *The Medieval History Journal* (1), 2008, pp. 1-28.

94 AFONSO, Luís U. e CRUZ, António J. e MATOS, Débora, “O Livro de como se fazem as cores or a medieval Portuguese text on the colors for illumination: a review”, in CORDOBA, Ricardo (ed.), *Craft Treatises and Handbooks: the dissemination of technical knowledge in the Middle Ages*, Turnhout, Brepols, 2013, pp. 93-105.

95 MATOS, Débora, *The Ms. Parma 1959...*

foi uma das bases da filologia e da crítica de fontes do humanismo, juntamente com o estudo do latim e do grego, sendo essencial para o desenvolvimento dos estudos bíblicos no Renascimento. Apesar de este facto ser frequentemente ignorado, tal como a relevância das escolas rabínicas portuguesas, isso não deixou de ser notado e criticado na época, como dá testemunho o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende<sup>96</sup>.

Apesar da limitada independência da arte judaica face à cristã, existem pequenas diferenças que assumem uma importância muito relevante em termos simbólicos. No caso da arquitetura aquilo que podemos apurar a propósito da análise da Sinagoga de Tomar e do hipotético *hekhhal* da suposta sala de orações de Castelo de Vide diz respeito a uma adesão a valores proto-humanistas, marcados pela sobriedade e racionalidade, assumindo estreitas ligações com os valores da arte do tardo-gótico despojado. A autonomização evidenciada pela arquitetura judaica portuguesa tardo-medieval face à tradição construtiva sefardita dos séculos XIII e XIV, marcada pela adesão a uma arte mudéjar de tipo almóada ou nasrida, que Eva Frojmovic<sup>97</sup> classificou como “mudejarismo judaico”, revela uma evidente modernidade e aproximação a modelos da cultura cristã. Estas características visíveis nas curtas evidências materiais remanescentes da arquitetura judaica portuguesa são igualmente perceptíveis na decoração seguida pela maior parte dos manuscritos judaicos produzidos em Portugal no último terço do século XV. Tal como tivemos ocasião de ver, sobretudo nos manuscritos pertencentes à chamada “Escola de Lisboa”, a linguagem decorativa que foi empregue está totalmente integrada na cultura artística tardo-gótica, incluindo algumas ténues incursões na arte proto-renascentista.

Em suma, apesar de estarmos diante de uma amostra reduzida, sobretudo no caso da arquitetura, os exemplos que chegaram até nós autorizam concluir que a maior parte da produção artística judaica portuguesa tardo-medieval optou por uma linguagem moderna e internacional, integrada nos valores do tardo-gótico e do proto-humanismo, em contraste com os modelos mudéjares e islâmicos também disponíveis na época. No caso da arquitetura trata-se de uma opção artística que se filia no tardo-gótico despojado português, pautado por uma sobriedade de matriz mediterrânica. No caso da iluminura estamos perante um conjunto de obras que se filiam numa linguagem tardo-gótica internacional, nórdica, cujos principais referentes se encontravam na iluminura flamenga e do norte de França. De qualquer modo, tanto na arquitetura como na iluminura verifica-se também uma capacidade para assimilar elementos artísticos derivados da recuperação de elementos clássicos (ex. capitéis jónicos e molduras bidimensionais que criam ilusões óticas de volumes geométricos simples). Deve sublinhar-se, porém, que tais elementos não

96 TARRÍO, Ana, “Burlas hebraicas e verdades latinas. Álvaro de Brito Pestana e as Lamentações de Jeremias”, in AFONSO, Luís U. e PINTO, Paulo M. (eds.), *O livro e as interações culturais judaico-cristãs em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas, 2014, pp. 217-234.

97 FROJMOVIC, Eva, “Jewish mudéjarismo and...”



surgem em oposição à linguagem do tardo-gótico, como uma espécie de anti-tipos. Pelo contrário, tais inovações são facilmente conciliáveis com o espírito proto-humanista que caracteriza o tardo-gótico despojado, no caso da arquitetura, e com o gosto tardo-gótico de influência nórdica, no caso das cercaduras iluminadas, sinalizando a agilidade estilística da produção artística judaica portuguesa durante a segunda metade do século XV.

## BIBLIOGRAFIA

- ABULAFIA, David, “The Jew on the Altar: the image of the Jew in the *Veneration of St. Vincent* attribute do Nuno Gonçalves”, *Mediterranean Studies* 10, 2001, pp. 37-48.
- AFONSO, Luís U., “Iconografia antijudaica em Portugal (séculos XIV-XV)”, *Cadernos de Estudos Sefarditas* 6, 2006, pp. 101-131.
- AFONSO, Luís U., “A Escola de Lisboa no contexto dos manuscritos sefarditas iluminados tardo-medievais”, in AFONSO, Luís U. e PINTO, Paulo M. (eds.), *O livro e as interações culturais judaico-cristãs em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas, 2014, pp. 263-308.
- AFONSO, Luís U., “A Escola de Lisboa de iluminura hebraica”, *Invenire. Fiat Lux. Estudos sobre manuscritos iluminados em Portugal* 1, 2015, pp. 74-81.
- AFONSO, Luís U., “As sinagogas portuguesas e o tardo-gótico despojado”, AFONSO, Luís U. e MELO, Joana R. (eds.), *O Fascínio do Gótico. Um tributo a José Custódio Vieira da Silva*, 2016 (no prelo).
- AFONSO, Luís U. e CRUZ, António J. e MATOS, Débora, “O Livro de como se fazem as cores or a medieval Portuguese text on the colors for illumination: a review”, in CÓRDOBA, Ricardo (ed.), *Craft Treatises and Handbooks: the dissemination of technical knowledge in the Middle Ages*, Turnhout, Brepols, 2013, pp. 93-105.
- AFONSO, Luís U. e MOITA, Tiago, “A iluminura judaica portuguesa tardo-medieval”, AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015, pp. 53-66.
- AFONSO, Luís U. e MOITA, Tiago e MATOS, Débora, “La Biblia de Coimbra y la «Escuela Andaluza» de iluminación hebraica”, *Archivo Español de Arte* 349, 2015, pp. 53-68.
- ALMEIDA, Carlos e BARROCA, Mário, *História da Arte em Portugal. O Gótico*, Lisboa, Presença, 2002.
- ANSELMO, Artur, *Origens da Imprensa em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981.
- ARENAS ESTEBAN, Jesús e CASTAÑO, Javier, “La sinagoga medieval de Molina de Aragón: evidencia documental y epigráfica”, *Sefarad* 70 (2), 2010, pp. 497-508.
- ASSIS, Yom-Tov, “Synagogues in Medieval Spain”, *Jewish Art* 18, 1992, pp. 6-29.
- BALESTEROS, Carmen e OLIVEIRA, Jorge, “A judiaria e a sinagoga de Castelo de Vide”, *Ibn Maruán* 3, 1993, pp. 123-152.
- BARRADAS, Alexandra, *Ourém e Porto de Mós. A obra mecenática de D. Afonso, 4º Conde de Ourém*, Lisboa, Colibri, 2006.
- BARTOLOMÉ HERRERO, Bonifacio, “La Sinagoga Mayor de Segovia y sus propiedades urbanas a comienzos de lo siglo XV”, *Sefarad* 72 (1), 2012, pp. 191-225.
- CANTERA BURGOS, Francisco, *Sinagogas de Toledo, Segovia y Cordoba*, Madrid, CSIC, 1973.
- CANTERA BURGOS, Francisco, *Sinagogas españolas: con especial estudio de la de Córdoba y la toledana de El Tránsito*, Madrid, CSIC, 1984 (1ª ed. 1955).
- CARVALHO, Helena e RIBEIRO, Luís, “A ciência judaica em Portugal no século XV”, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015, pp. 87-91.
- CRUZ, António J. e AFONSO, Luís U., “On the date and contents of a Portuguese medieval technical book on illumination: *O livro de como se fazem as cores*”, *The Medieval History Journal* 11 (1), 2008, pp. 1-28.

- DIAS, Pedro, *A Arquitectura Gótica Portuguesa*, Lisboa, Estampa, 1994.
- DODDS, Jerrilynn, “Mudejar tradition and the synagogues of medieval Spain: cultural identity and cultural hegemony”, in MANN, Vivian e GLICK, Thomas e DODDS, Jerrilynn (eds.), *Convivencia. Jews, Muslims, and Christians in medieval Spain*, Nova Iorque, Museum of Biblical Art, 1992, pp. 113-131.
- EPSTEIN, Marc, “Another Flight into Egypt: confluence, coincidence, the cross-cultural dialectics of Messianism and iconographic appropriation in Medieval Jewish and Christian culture”, in FROJMOVIC, Eva (ed.), *Imagining the Self, Imagining the Other. Visual representations and Jewish-Christian Dynamics in the Middle Ages and Early Modern Period*, Leiden, Brill, 2002, pp. 33-52.
- FELLOUS, Sonia, *Histoire de la Bible de Moïse Arragel. Quand un rabbin interprète la Bible pour les chrétiens*, Paris, Somogy, 2001.
- FROJMOVIC, Eva, “Editor’s foreword”, in FROJMOVIC, Eva (ed.), *Imagining the Self, Imagining the Other. Visual representations and Jewish-Christian Dynamics in the Middle Ages and Early Modern Period*, Leiden, Brill, 2002, pp. XVII-XXII.
- FROJMOVIC, Eva, “Jewish scribes and Christian illuminators. Interstitial encounters and cultural negotiation”, in KOGMAN-APPEL, Katrin e MEYER, Mati (eds.), *Between Judaism and Christianity. Art historical essays in honor of Elisheva (Elisabeth) Revel-Neher*, Leiden, Brill, 2009, pp. 281-305.
- FROJMOVIC, Eva, “Jewish mudejarismo and the invention of tradition”, in CABALLERO-NAVAS, Carmen e ALFONSO, Esperanza (eds.), *Late Medieval Jewish Identities. Iberia and Beyond*, Nova Iorque, Palgrave, 2010, pp. 233-258.
- GALLARDO CARRILO, Juan e GONZÁLEZ BALLESTEROS, José, “La judería de lo Castillo de Lorca a partir de las evidencias arqueológicas”, AAVV, *Lorca. Luzes de Sefarad. Lights of Sepharad*, Murcia, Tres Fronteras, 2009, pp. 182-219.
- GIL DELGADO, Óscar, “Una sinagoga desvelada en Sevilla: estudio arquitectónico”, *Sefarad* 73 (1), 2013, pp. 69-96.
- GLICK, Thomas, “Convivencia: an introductory note”, in MANN, Vivian e GLICK, Thomas e DODDS, Jerrilynn (eds.), *Convivencia. Jews, Muslims, and Christians in medieval Spain*, Nova Iorque, Museum of Biblical Art, 1992, pp. 1-9.
- GLICK, Thomas, “Jews and Christians in the medieval crown of Aragon”, in MANN, Vivian (ed.), *Uneasy Communion. Jews, Christians, and the altarpieces of medieval Spain*, Nova Iorque, Museum of Biblical Art, 2010, pp. 10-43.
- HALPERIN, Don, *The Ancient Synagogues of the Iberian Peninsula*, Gainesville, University of Florida Press, 1969.
- KOGMAN-APPEL, Katrin, *Jewish Book Art Between Islam and Christianity*, Leiden, Brill, 2004.
- KRINSKY, Carol H., *Synagogues of Europe. Architecture, History, Meaning*, Nova Iorque, Architectural History Foundation, 1985.
- MANN, Vivian, “Jews and altarpieces in medieval Spain”, in MANN, Vivian (ed.), *Uneasy Communion. Jews, Christians, and the altarpieces of medieval Spain*, Nova Iorque, Museum of Biblical Art, 2010, pp. 76-127.
- MATOS, Débora, *The Ms. Parma 1959 in the context of the Portuguese Hebrew Illumination*, Dissertação de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.
- METZGER, Thérèse, *Les Manuscrits Hébreux copiés et décorés à Lisbonne dans les dernières décennies du XV<sup>e</sup> siècle*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

- MIRANDA, Adelaide e RIBEIRO, Luís e BARREIRA, Catarina e CARDOSO, Paula, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015, pp. 99-107.
- MOITA, Tiago, “A iluminura hebraica portuguesa: estado da questão”, *Cadernos de História de Arte* 1, 2013, pp. 53-73.
- MOITA, Tiago, “*Italian connections*: as cercaduras acânticas dos manuscritos hebraicos portugueses e sua eventual relação com a iluminura napolitana”, *Cadernos de História de Arte* 2, 2014, pp. 182-188.
- MOITA, Tiago, “Entre os Judeus Portuguezes e Espanhoes corriaõ algumas Traduções. A Bíblia da Ajuda, um manuscrito em romance de iniciativa judaica”, *Invenire. Fiat Lux. Estudos sobre manuscritos iluminados em Portugal* 1, 2015, pp. 64-73.
- MOITA, Tiago, “Tipologia e caracterização codicológica dos manuscritos hebraicos portugueses do século XV”, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015a, pp. 41-52.
- MOITA, Tiago, “O livro hebraico português medieval: uma história de sobrevivência”, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015b, pp. 67-78.
- MOITA, Tiago, “5. Bíblia”, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015c, pp. 119-120.
- NARKISS, Bezalel, *Hebrew Illuminated Manuscripts*, Jerusalém, Encyclopedia Judaica, 1969.
- NARKISS, Bezalel e COHEN-MUSHLIN, Aliza e TCHERIKOVER, Anat, *Hebrew Illuminated Manuscripts in the British Isles. The Spanish and Portuguese Manuscripts*, Jerusalem, Israel Academy of Sciences and Humanities / British Academy, 1982.
- OLIVEIRA, João C., “Os incunábulo hebraicos portugueses”, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015, pp. 79-86.
- PEREIRA, Paulo, “As grandes edificações (1450-1530)”, in PEREIRA, Paulo (ed.), *História da Arte Portuguesa*, vol. 2, s.l., Círculo de Leitores, 1995, pp. 11-113.
- PÉREZ ASENSIO, Manuel e SÁNCHEZ GÓMEZ, Paula, “La decoración en yeso de la sinagoga y de la judería del castillo de Lorca (Murcia)”, *Alberca: Revista de la Asociación de Amigos del Museo Arqueológico de Lorca* 7, 2009, pp. 75-96.
- PUYOL, Julio, “Jerónimo Münzer. Viaje por España y Portugal en los años 1494 y 1495 (conclusión)”, *Boletín de la Real Academia de la Historia* 84, 1924, pp. 197-279.
- SCHWARZ, Samuel, *Museu Luso-Hebraico em Tomar*, Lisboa, Gráfica Santelmo, 1939.
- SED-RAJNA, Gabriëlle, *Manuscrits Hébreux de Lisbonne. Un atelier de copistes et d'enlumineurs au XVe siècle*, Paris, Centre National de Recherche Scientifique, 1970.
- SERRÃO, Vítor e FARINHA, Ana, *Arte por Terras de Nun'Álvares. Pintores e obras dos séculos XVI a XVIII na Sertã e em Proença-a-Nova*, Lisboa, Theya, 2015.
- SHALEV-EYNI, Sarit, *Jews among Christians. Hebrew book illumination from Lake Constance*, Londres, Harvey Miller, 2010.
- SHATZMILLER, Joseph, *Cultural Exchange: Jews, Christians, and art in the Medieval marketplace*, Princeton, Princeton University Press, 2013.
- SILVA, José C. V., *O Tardo-Gótico em Portugal. A arquitetura no Alentejo*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989.
- SILVA, José C. V., *Paços Medievais Portugueses*, Lisboa, IPPAR, 1995.

- SILVA, José C. V., *O Fascínio do Fim. Viagens pelo final da Idade Média*, Lisboa, Livros Horizonte, 1997.
- SIMÕES, Santos, *Tomar e a sua Judiaria*, Tomar, Edição do Museu Luso-Hebraico 1992 (1ª ed. 1943).
- SOYER, François, *A perseguição aos Judeus e Muçulmanos de Portugal. D. Manuel I e o fim da tolerância religiosa (1496-1497)*, Lisboa, Edições 70, 2013.
- TARRÍO, Ana, “Burlas hebraicas e verdades latinas. Álvaro de Brito Pestana e as Lamentações de Jeremias”, in AFONSO, Luís U. e PINTO, Paulo M. (eds.), *O livro e as interações culturais judaico-cristãs em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas, 2014, pp. 217-234.
- TAVARES, Maria Ferro, “Judeus de sinal em Portugal no século XVI”, *Cultura. História e filosofia* 5, 1986, pp. 339-363.
- TAVARES, Maria Ferro, *A Herança Judaica em Portugal*, Lisboa, CTT, 2004.
- TAVARES, Maria Ferro, *As Judiarias de Portugal*, Lisboa, CTT, 2010.
- TAVARES, Maria Ferro, “Entre a história e a lenda: a memória judaica em Portugal ou o desconhecido Portugal judaico”, in SILVA, Carlos (ed.), *Judiarias, Judeus e Judaísmo*, Lisboa, Colibri, 2013, pp. 229-267.
- TAVARES, Maria Ferro, “Os judeus portugueses no século XV”, in AFONSO, Luís U. e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015, pp. 19-40.
- TEIXEIRA, Francisco Garcez, *A Antiga sinagoga de Tomar*, Lisboa, Tipografia do Comércio, 1925.